LUCEIRA
EL COMUNICACIÓN SOCIAL EN GALICIA

PRÉMIOS LUCEIRA 21

GalizaContrainfo, Galiza Ano Cero e a revista Andaina levárom os primeiros Prémios Luceira de Comunicaçom Social; umha iniciativa que pom em valor o trabalho informativo além da simples reproduçom dos relatórios oficiais.

O PODER DO 'ALICÓRNIO' 22

A Socidedade Antropológica Galega publicou recentemente o estudo *Alicornio. O poder do corno de unicornio na medicina tradicional galega*. Umha aproximaçom à natureza verdadeira e usos dum elemento habitual na tradiçom.

NÚMERO 137 | 15 DE MAIO A 15 DE JUNHO DE 2014 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

"O único objetivo da Povisa é obter maiores lucros para as pessoas do Conselho de Administraçom"

MARÍA JESÚS NEIRA
é presidenta do comité de empresa da Povisa
Pags. 6-7

ELEIÇONS AO PARLAMENTO EUROPEU

HÁ ESPAÇO PARA A DEMOCRACIA NESTA UNIOM EUROPEIA?

Os tempos eleitorais nom som amigos dos debates de fundo. Enquanto toda a atençom está focada nas candidatas, nos programas, nos debates televisivos ou no número de votos e escanos obtidos, a natureza e o desenho mesmo da Uniom Europeia e das suas instituiçons costumam ficar fora da questom. Há democracia para as 20.000 pessoas que morrérom tratando de cruzar o Mediterráneo só durante a última década? Cumpre o Parlamento Europeu umha funçom democrática? Deve participar a esquerda destas instituiçons? Análises de Xabi Lombardero, Daniel R. Cao e Carlos Taibo. / PÁGS. 16-19

Os 'expertos' que nos governam

Governos empregam equipas de tecnocratas afins para vestir de cientificidade as suas próprias decisons económicas / PÁG. 11

FRENTE AS LÓGICAS DO PODER

A resistência que nom atende a cálculos

O prisioneiro político Antom Santos reflexiona, desde o cárcere espanhol de Aranjuez, nas tentativas estatais de 'comprar' militantes. O independentismo, considera, tem-se caraterizado por ser quem de ignorar os chamados a "aplicar a 'lógica', abandonar a desobediência e beneficiar-se dos favores do estado". É a outra cara da moeda do visto em começos de maio na Audiência Nacional espanhola, quando um preso galego se declarava 'arrepentido de ter realizado açons violentas'. / PÁGS. 4, 15

LA OTRA MONEDA / FLICKR

ALTERNATIVAS DE COOPERAÇOM

O auge da economia social ante a crise

Ante o recrudescimento da crise, é cada vez mais a gente que procura alternativas sustentáveis e comunitárias para subsistir. Já seja por conviçom ou por necessidade, o certo é que este tipo de projetos alheios à lógica do livre-mercado vai consolidando-se como opçom prática viável. É neste marco que a Feira de Economia Social celebra a sua terceira ediçom na Corunha. Várias das pessoas organizadoras do evento reflitem numha conversa acerca do auge da economia social. / PÁG. 20

OPINIOM

ECONOMIA POLÍTICA DA DOR por Carlos C. Varela

QUE SUPOM A CRISE PARA AS MULHERES por Marcha Mundial das Mulheres / 3

CELAS por Lara Rozados / 28

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

FRUTOFOBIA NA GALIZA?

É um fenómeno estudado a escassa inclinaçom frutívora da populaçom labrega na Galiza tradicional, ainda com excepçons.

A NOM-POLÍTICA AUDIOVISUAL

O período mais glorioso do cinema galego coincide também com a orfandade de políticas públicas que se sofre no setor.

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, Novas da Galiza reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

A FARSA DO 25-M

O vindeiro 25 de maio realizarám-se as Eleiçons Europeias e as ruas voltam a lotar-se de cartazes, carros com altofalantes e comícios de toda umha variedade de organizaçons políticas. E mais umha vez, de multidom de fontes chegarám-nos argumentos a favor da votaçom, de legitimar tal esperpento botando um papelinho numha urna. No entanto, para além do pernicioso que supom a delegaçom da soberania em terceiras pessoas, quer dizer, a gestom da vida social e económica de todo o coletivo por parte dum grupo reduzido de invidíduos, o feito de votar, em qualquer cita eleitoral, é totalmente inútil para as trabalhadoras; e mais ainda nas eleiçons europeias, sendo o Reino de Espanha um Estado de segunda ordem que pouco ou nada apita nos centros de decisom reais da UE.

Contudo, apresentam-se ante nós todo um repertório de opçons políticas pretendidamente "de esquerdas", das quais destaco Podemos, a marca eleitoral do novo "guru" do reformismo mais tosco, Pablo Iglesias Turrión. Como conseqüência do profundo descrédito do Partido Popular Europeu e do Partido dos Socialistas Europeus pola sua gestom da crise capitalista, estas forças aproveitam para vender-nos com palavras mui bonitas umha alternativa à situaçom atual que nom é tal. E é que jamais os escoitaremos apontar que a raíz do problema nom é o governo de turno, mas é o próprio Sistema: o Estado e o Capitalismo. Entom, se se trata só de maquilhar o Sistema em lugar de destruí-lo, como vai mudar a realidade? Pois acaso existe Capitalismo que nom implique miséria e exploraçom para a Classe Trabalhadora? Estes salvadores nossos vendem fume em forma de palavras mui bonitas que pronto levará o vento em caso de conseguirem presença nas instituiçons. E no entanto eles, já agora, desfrutando de infinidade de privilégios à nossa conta.

Por outra parte, ainda tendo um político (ponhamos-lhe imaginaçom) as melhores intençons,pode-se defender os interesses populares inserindo-se num entramado burocrático perfeitamente desenhado para fazer prevalecer sempre a essência da UE como instrumento de rapina imperialista? O utópico nom é pensar que se pode utilizar as suas instituiçons para o benefício popular, contrariamente para o que estám meticulosamente preparadas?

Após o 25 de maio nada mudará para as trabalhadoras da UE. A sua emancipaçom jamais virá por decretos de nengum ente estatal ou supraestatal. Votar, em princípio, pode semelhar o mais fácil para transformar a realidade, mas é um ato que se torna sempre inútil e se vira contra nós. A única saída realista que fica é organizar-se diariamente nas ruas e nos centros de trabalho, guiando-se pola açom direta continuada e planificada contra os nossos inimigos de classe e o seu Estado; até fazer-nos nós, a Classe Trabalhadora, com o control real da produçom e da vida social. A questom nom é Capitalismo A ou Capitalismo B, mas é Estado e Capital ou Revoluçom Social; nom há outra.

Dario Senhoráns Argibai, militante da CNT

HUMOR GONZALO

EDITORIAL

Que molho queredes?

Conta Eduardo Galeano que, umha vez, um chefe lhes perguntou às aves do curral com que molho gostariam de ser comidas. Quando umha galinha reagiu dizendo que, simplesmente, nom queriam ser comidas de maneira nengumha; o cozinheiro respondeu: “isso fica fora da questom”.

Da mesma maneira que na fábula do intelectual uruguaio, no curral da Uniom Europeia só se pergunta aos povos polo molho com que querem ser comidos. Elege-se a composiçom dum Parlamento Europeu com um poder de decisom irrisório; as grandes questons ficam nas maos do Conselho e da Comissom, cujo método de eleiçom poderia ser comparável com o das Deputaçons Provinciais espanholas. Nom se decidirá sobre o euro, nem sobre o papel do Banco Central Europeu, nem sobre os planos de ‘ajuste orçamentário’ que condenam à miséria os países periféricos. Nom se decidem as fronteiras genocidas do sul da Europa, nem se decide o tratado de livre comércio com os Estados Unidos. Todo isto vem de série com a UE. A trama institucional está desenhada para que estas problemáticas, como diria o cozinheiro, fiquem “fora da questom”.

Porém, com cada processo eleitoral, o debate sobre a pertinência da via institucional no marco das luitas emancipadoras volta pairar sobre parte da esquerda social. Um debate que parte da constataçom de que a presença nas instituiçons tem umha utilidade limitada, no melhor dos casos, à hora de mudar o sistema, e que mais vivo parece quanto mais limitada é a instituiçom. E em quanto a instituiçons limitadas é o Parlamento Europeu a que destaca sobre qualquer outra.

Nom estava de mais, por parte de quem porfia em participar do espetáculo eleitoral, respaldar tal aposta com algum sucesso que prove, ou quando menos algum programa que ofereça, algumha possibilidade verdadeira de incidir desde Estrasburgo na construçom dumha outra Europa possível. Que alguém explique que plano inovador, que fórmula secreta, guarda para fazer escuitar 'a voz das galegas e galegos' num parlamento que nunca tivo ouvidos para ela.

EDITORA
A.C. Minho Media

CONSELHO DE REDAÇOM
Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Alonso Vidal e Ana Viqueira

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Raul Rios / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom ‘Muros’ / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Desportos:** Anjo Rua Nova e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo **Língua Nacional:** Isabel Rei Samartim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro, Iván García Ambruñeiras e Julio Vilariño

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Hilda Carvalho, Joám Fernandes, Manuel Pintor, Helena Irímia

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM: Carlos Barros Gonçales

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

FECHO DE EDIÇOM: 16/05/2014

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Gonzalo, Carlos C. Varela, Marcha Mundial das Mulheres, Raimundo Serantes, Antom Santos, Xabi Lombardero, Adriana P. Villanueva, Daniel R. Cao, Carlos Taibo, Leuco Feijóo, Luzia Álvares, Lara Rozados, Sabela Iglesias, André Taboada e Dario Pinelli

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Economia política da dor (o caso de Angróis)

Carlos C. Varela

Quando Bertrand Russell sustém que "Como a energia, o poder existe sob muitas formas; a riqueza, a força militar, a autoridade civil, a influência ou a opinião. Nenhuma pode considerar-se como subordinada ou, ao contrário, como princípio do que derivariam todas as demais"; e que aliás "Deve considerar-se que o poder, como a energia, passa continuamente duma forma a outra, considerando a tarefa da ciência social em procurar as leis destas transformações"[1], está a expor, sem sabê-lo, o programa de investigação desenvolta pola equipa de Bourdieu. Face à dominação "economocentrista" que desenvolvia o marxismo, a sociologia crítica francesa desprega uma série de capitais (cultural, social, lingüístico, simbólico…) que dariam conta de umas relações de dominação e violência simbólica muito mais complexas. O conceito de poder como "energia social" –apenas usado por Bourdieu, sem dúvida pola sua meticulosidade à hora de não cair em analogías incontroladas com conceitos produzidos noutras ciencias- viria coroar esta teoria: a energia social seria, por dizê-lo assim, a "substância" desses capitais. Já Leslie White empregara o conceito de energia em ciencias sociais, dando origem a toda uma corrente antropológica que bebe dessa ideia ("Enquanto os outros fatores se mantêm constantes, a cultura evoluciona a medida que cresce a quantidade de energia disponível (…) A cultura converte-se assim primariamente num mecanismo de armazenar energia"[2]), mas a energia social de White é meramente "calórica", e não dá conta das práticas simbólicas.

Acontecimentos como o acidente de Angróis provocam uma enorme condensação de energia social em forma de dor, gerando-se ao seu redor múltiples lutas pola sua capitalização e apropriação (em forma de capital simbólico, político…). Num romance de Amin Maalouf, um libanês que tentava suicidar-se é sequestrado por um dos grupos incontrolados

> Acontecimentos como o de Angróis provocam uma condensação de energia social em forma de dor, gerando-se ao seu redor múltiplas lutas pola sua capitalização

de guerra civil. "Vão lhe roubar até a sua própria morte!". Isso mesmo é o que sucede quando o Estado intervém, como força expropriadora da dor, no que Benedict Anderson chama "nacionalismo funerário". O *gag* de Maalouf institucionaliza-se, e o Estado, numa sorte de *symbolic piracy*, alimenta-se com a energia social da dor alheia. É bem conhecido o cerimonial estadounidense do enterro de soldados –repitem-no-lo uma e outra vez no cinema-, onde o cadáver aparece coberto pola bandeira nacional. Entre salvas, justo antes de proceder ao sepélio, a guarda militar que leva o morto prega, com grande solenidade, a bandeira que será entregada à mãe ou mulher do soldado enquanto baixam o caixão. A transfussão simbólica do homem para o Estado é tão transparente que nem precisa comentário.

No caso de Angróis a concorrência por estes capitais simbólicos atingiu o obsceno: coletivos policiais manifestando-se para exigir "a sua parte", a habitual presença da monarquía, ou Núñez Feijóo, como bom vampiro simbólico, dando discursos políticos perante o centro de transfussão de sangue… Ainda, a nível estatal, vemos a diario como a dor das vítimas do terrorismo se emprega como principal combustível dum (não) projeto político, e o estrondo que está a provocar o fim dessa economia política da dor[3]. Não precisa dizer que em todas estas práticas, a gestão da dor nunca visa reduzi-lo ou aliviar as afetadas num processo de dor coletivo, senão maximizar os ganhos simbólicos dos gestores. Contra este tipo de práticas parasitas e despregadas verticalmente, há outras, muito menos conhecidas, que são um exemplo estremecedor de gerência comunitária e horizontal para a superação da dor coletiva.

NOTAS

1. B. Russell, *Power A New Social Analysis*, Londres, George Allen e Unwin Ltd, pp. 12-14

2. L. White, "Energy and evolution of culture", *American Antropologhist*, 1943, p. 45

3. Algumas entrevistas sobre o tema em A. Fernández-Savater, *Fuera de lugar. Conversaciones entre crisis y transformación*, Madrid, Acuarela, 2013. Atualmente no País Basco também se están a realizar experiências (algumas na semiclandestinidade) deste tipo, entre vítimas tanto de ETA como do Estado que procuram saídas coletivas ao conflito.

Que supom a crise para as mulheres?

Marcha Mundial das Mulheres

No nosso IX Encontro Internacional, agosto 2013 São Paulo, as mulheres reflectimos sobre as causas, consecuências e estratégias a seguir, juntas cara ao nosso outro mundo possível.

Para nós, o sistema hegemónico atual é velho e sempre tivo as mulheres invisibilizadas, marginando-nos numha cultura periférica, sem repercussom científica nem económica, dentro do seu sistema de valores.

Com a ideologia do patriarcado explicamos esta situaçom, e vemos como o capitalismo o deixa atuar no que lhe resulta útil, como é o controlo do nosso corpo, para que produzamos mao de obra escrava sob pretextos religiosos, económicos e/ou políticos, mediante estratégias milenares de sobrevivência com escassos recursos e recluíndo-nos no ámbito doméstico.

Na situaçom económica atual, denominada crise do sistema, preguntamo-nos se se trata de mais umha, ou tem esta, algum rasgo que a fai diferente das precedentes. Nós optamos pola segunda possibilidade, já que assistimos a um novo e virulento ataque às nossas estratégias de sobrevivência, aos nossos corpos e territórios sem lhes importar o facto de que as suas máximas de crescimiento e açambarcamento de riqueza ilimitadas som impossíveis num mundo finito e limitado, agravando a insustentabilidade da vida num planeta contaminado e sobre-explorado.

> O sistema hegemónico atual sempre tivo as mulheres invisibilizadas, marginadas numha cultura periférica, sem repercussom

A sustentabilidade da vida é delicada. A mudança climática, as guerras e a sobre-explotaçom dos nossos territórios sempre nos afetarom, pero nom nos destruíam, ao menos no mal chamado mundo rico e tam só por agora, mas neste momento assistimos também à globalizaçom da sobre-explora-çom de recursos naturais, o que fai com que as estratégias de sobrevivência de populaçons humanas inteiras, graças ao trabalho e saberes das mulheres, como reprodutoras, coidadoras e produtoras-garantizadoras de alimentos, nom sejam viáveis nesta economia financieira globalizada.

O número de recursos económicos "pouco aproveitados" para a filosofia capitalista, como os naturais, non deixa de medrar. Como exemplo a política de energia eólica do anterior governo espanhol e a exploraçom mineira do atual. A finalidade é aumentar o rendemento nas bolsas de valores, menospreçando trabalhos e saberes seculares que permitirom a nossa existência, a existência dos demais seres vivos nom humanos e a preservaçom dum território habitável.

As mulheres nom vamos permitir que continuem com a sua acumulaçom por despejamento, nem com o que Vandana Shiva denunciou sobre os efectos da apropriaçom tecno-capitalista dos antigos territórios, a desterritorializaçom da populaçom e a descodificaçom de todas as significaçons anteriores que pudessem obstaculizar a privatizaçom crescente da globalizaçom neoliberal. Por isso desde sempre na MMM temos clara a riqueza que achegam as alianças com organizaçons de ámbitos diversos, camponesas, ecologistas, sanitárias, etc., sempre que se respetem os princípios básicos da nossa luita antisistémica, contra o capitalismo e o patriarcado, contra a violência contra as mulheres e a pobreza das mulheres.

Mulheres en Marcha até que todas sejamos livres!

ACONTECE

PARLAMENTO EXIGE RESPEITAR OS DIREITOS DA PALESTINA

O Parlamento aprovou umha declaraçom institucional em que reclama à comunidade internacional que “exija” a Israel o “cumprimento das resoluçons da ONU”, o “respeito absoluto dos direitos humanos” e os "direitos coletivos” do povo palestiniano.

'LA VOZ' REVELA DADOS DE POPULAÇOM PRESA

O observatório Esculca denunciou perante a Agência de Proteçom de Dados um artigo de 'La Voz de Galicia' em que eram revelados dados de pessoas internas no centro penitenciário de Teixeiro.

Audiência Nacional desvenda estratégia para forçar ‘arrependimentos’ de militantes presos

AGENTES DA GUARDIA CIVIL TENTAM PRESSIONAR INDEPENDENTISTAS ENCARCERADOS

O processo que no passado 6 de maio se celebrou na Audiência Nacional contra os galegos Carlos Calvo Varela e Xurxo Rodrigues Olveira mostrou umha cara desconhecida até agora na atual etapa de violência política e repressom na Galiza: a dos 'terroristas arrepentidos'.

Xurxo Rodrigues (esq.) e Carlos Calvo (dir.) durante o julgamento contra eles na Audiência Naciona

NGZ / Ambos acusados enfrentavam no julgamento solicitudes da Fiscalia de condenas de 17 anos de prisom por 'integraçom em organizaçom terrorista' e 'posse de explosivos'. Foram encarcerados sem condena em setembro de 2012, logo de que Guardia Civil e Polícia espanhola os detiveram em Vigo, segundo a acusaçom estatal, por estarem a realizar umha entrega de explosivos.

Durante o desenvolvimento do juízo, Rodrigues Olveira declarou que “levava três messes a militar na Resistência Galega [no senso de umha suposta organizaçom armada]” no momento das detençons, “fazendo uso da violência para conseguir a independência da Galiza”.

Mas, além disso, o acusado pujo a sua declaraçom ao serviço da estratégia da fiscalia, ao declarar, contra a ausência de provas, que Carlos Calvo lhe tinha entregado os ditos explosivos, que os corpos repressivos intercetárom num carro no parque viguês de Castrelos. Ainda mais, nomeava um outro preso como 'chefe militar' dumha suposta zona norte, com um discurso surpreendentemente coincidente com as narrativas das peritagens policiais postas em uso nos julgamentos contra presos e presas independentistas nos últimos anos. Benet Salellas, advogado ao cargo da defesa de Carlos Calvo, ponhia acento na gravidade de que a declaraçom de Rodriguez Olveira se vira premiada no próprio julgamento com umha reduçom da petiçom fiscal, que passa a ser para o 'arrepentido' de seis anos de cadeia e mais seis de liberdade vigilada.

“Por suposto benefício pessoal, alimenta-se a mentira da existência dumha organizaçom terrorista a operar na Galiza, involucra-se falazmente a terceiros, e mais” julgam desde o Organismo Popular Anti-Repressivo Ceivar, que relaciona diretamente esta declaraçom com o translado “estranho e inesperado” de Rodrigues Olveira à cadea da Lama em fevereiro.

Visitas a outros presos

Este meio tivo conhecimento de várias tentativas por parte de agentes da 'Brigada de Informaçom' da Guardia Civil espanhola de estabelecer conversas com dous presos galegos culpados de participarem da estratégia de sabotagem e açom direta que o estado atribui à suposta organizaçom 'Resistência Galega'. Estas tivérom lugar em semanas prévias e posteriores ao julgamento de começos de mês, e os agentes do corpo militar nom pudérom tirar proveito dos deslocamentos às cadeias ao negarem-se os presos a receber essas visitas policiais. Mesmo assim, em quando menos umha ocasiom os agentes tentárom trasladar ao preso ameaças de endurecer as condiçons penitenciárias e afastá-lo “às cadeias mais afastadas da Galiza” de seguir firme em nom colaborar com o aparato repressivo.

CRONOLOGIA

10.04.2014 / Detido em Compostela o autor falsas ameaças de bomba em numerosos locais, entre eles a catedral de Santiago, o reitorado da USC, e o aeroporto de Lavacolha.

11.04.2014 / Marcha dumhas 500 pessoas entre Vila Joám e Vila Garcia de Arouça reivindica a continuidade da fábrica de Cuca.

12.04.2014 / Mais de mil pessoas protestam em Sárria contra o encanamento do rio.

13.04.2014 / Sem teito aparece morto no compostelano rio Sarela.

14.04.2014 / Sindicato Labrego Galego manifesta-se em Sigüeiro contra a falta de pagamentos de Lácteos Tambre.

15.04.2014 / Morre Fco. Javier Fdez. Rguez-Sierra, mecánico dumha subcontrata de Adif, nas obras do TAV em Luviám.

16.04.2014 / Bombeiros dos parques de Cee, Santa Comba, Pontes, Monforte, Sárria e Chantada manifestam-se em Compostela perante a falta de soluçom do conflito laboral.

17.04.2014 / Cinco mortos no naufrágio perto de Návia do pesqueiro Mar Nosso, com base em Marim e bandeira portuguesa.

18.04.2014 / Detido em Sevilha Carlos Bergantiños Díaz, empresário sobre o que pesava umha orde de detençom internacional por delitos fiscais.

19.04.2014 / Umhas mil pessoas manifestam-se em Verim por um uso público e cultural para o castelo de Monte Rei.

20.04.2014 / Goberno espanhol sostém, em resposta ao BNG, que a Administraçom estatal nom está obrigada a responder em galego.

21.04.2014 / No nome do concelho, o alcalde de Monforte Severino Rodríguez, do BNG, compromete-se diante da virgem de Montserrat a continuar celebrando o Martes de Páscoa e o 15 de agosto.

22.04.2014 / Tribunal Supremo declara nulos os ERE de Hermanos Rodríguez Gómez e Arias Hermanos Construcciones, que afetavam um total 81 trabalhadores galegos.

24.04.2014 / M. Gago Rodríguez assassina em Foz María Elena Rodríguez Quiroga, com a qual estava casado, e depois quita a vida.

DENUNCIAM ATRASO NAS AJUDAS DE EMERGÊNCIA SOCIAL EM VIGO

A Oficina de Dereitos Sociais-Coia, a paróquia do Cristo da Vitória e o Grupo de Agitaçom Social concentraram-se diante do Concelho de Vigo denunciando o colapso das Ajudas de Emergência Social. Estas organizaçons lembram que estas ajudas som imprescindíveis para a cobertura das necessidades básicas de muita gente.

'SANTIAGO DE CORRUPTELA', COLETIVO ANTICORRUÇOM

Na cidade de Compostela nasceu um grupo anticorruçom autodenominado Santiago de Corruptela que anunciou que "perseguirá ali onde vaia" o alcaide Ángel Currás. Na sua web *santiagodecorruptela.info* tenhem à disposiçom do público informaçom sobre as imputaçons que pessam sobre diferentes governantes municipais.

Tribunal Supremo respalda a tese da 'organizaçom terrorista'

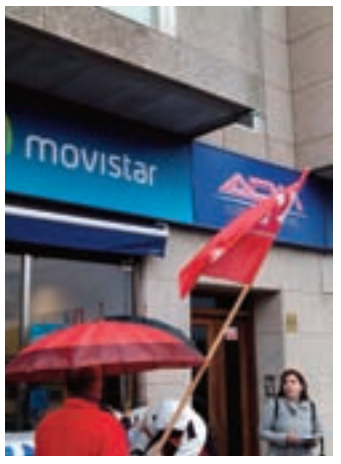
AUDIÊNCIA NACIONAL ABSOLVE 'SENLHEIRO' DO CARGO DE PERTENÇA

NGZ / Umha sentença da mais alta instáncia jurídica espanhola feita pública no dia 24 de abril confirmava os delitos de 'pertença a organizaçom terrorista' e 'falsificaçom de documento oficial' contra Antom Santos, Maria Osório, Eduardo Vigo e Teto Fialhega, assim como o de 'posse de explosivos' para os dous últimos. O tribunal espanhol adere assim, em resposta a um recurso apresentado polas defesas dos militantes independentistas, as teses da Fiscalia e da Audiência Nacional, que tinha condenado os quatro em setembro passado por pertencerem a umha suposta organizaçom que o estado denomina 'Resistência Galega'. A nova sentença inclui também umha reduçom das condenas contra a e os militantes independentistas, dos que três se atopam em prisom desde as suas detençons em dezembro de 2012, e Maria Osório à espera dumha ordem de ingresso, logo de que lhe fosse levantada a prisom preventiva por motivos de saúde. As condenas passam de 18 anos de cadeia a 13 anos e 9 meses no caso de Vigo e Fialhega, e de 10 anos a 7 anos e 9 messes nos casos de Santos e Osório.

Absolvem 'Senlheiro' de "pertencer à Resistência Galega"

Umha sentença de 26 de abril absolvia o militante independentista compostelam Hadriam Mosqueira Paços de "pertencer à organizaçom terrorista Resistência Galega", como pretendia provar a fiscalia. Sim considera, porém, que o jovem é culpável de 'posse de explosivos com finalidade terrorista', polo que o condena a sete anos de cadeia. Considera provado o tribunal que 'Senlheiro' era o depositário de três artefactos explosivos "provenientes do entorno da organizaçom terrorista", com os que foi detido em janeiro do passado ano, desde quando segue preso, numha zona de monte próxima à aldeia do vale da Amaía em que mora.

Subcontrata de Movistar despede mulher por ser mae



NGZ / A empresa de telecomunicaçons e informática ADM, subcontratada por Movistar em Santiago, despediu umha trabalhadora logo de ter a sua segunda criança. O despedimento, segundo denuncia CIG-Serviços, toma forma de represália, pois a mesma trabalhadora já sufrira um despedimento improcedente por parte da empresa quando estava grávida da sua primeira filha.

Obrigada a readmiti-la, a ADM dedicou-se desde entom a pressionar esta trabalhadora, modificando o seu horário ilegalmente para dificultar a conciliaçom familiar e castigá-la por pedir umha reduçom de horário. Ante umha nova sentença judicial contra ADM, a empresa viu-se forçada finalmente a respeitar os direitos da trabalhadora. Durante esse período, sempre segundo a CIG-Serviços, ADM chegou mesmo a retirar-lhe a ligaçom a Internet ou a deixá-la sem acesso aos alvarás precisos para fazer o seu trabalho.

Ao reincorporar-se da nova baixa por maternidade, a empresa volveu despedi-la e fechou a tenda na que realizava as suas tarefas num tento de justificar a atuaçom, mas ADM tem várias tendas mais em Santiago de Compostela.

Roberto Alonso, secretário comarcal da CIG-Serviços, denunciou o "machismo mais rançoso e próprio da idade meia que impera nesta empresa", citando o próprio empresário, Andrés Daviña, quem evidenciaria assim a sua conceçom na qual as mulheres "nom podem ser maes e trabalhar ao mesmo tempo". A central sindical vai mais alá, ao assegurar que nom se podem tolerar "este tipo de atitudes" por parte de umha empresa "que pretende vender os aparelhos mais modernos utilizando as técnicas mais antigas dos patrons escravistas".

CRONOLOGIA

26.04.2014 / Associaçom Abril de lume e ferro realiza mais um ano a homenagem aos mártires de Carral.

27.04.2014 / Manifestaçom galego-portuguesa une Arvo, Melgaço e Monção contra a interconexom elétrica da alta tensom.

28.04.2014 / Um lucense e umha ferrolana, entre as 21 pessoas detidas no estado acusadas de "enaltecimento do terrorismo" nas redes sociais.

29.04.2014 / Um agente da Guardia Civil e outro homem, detidos por assaltar a casa em Tominho do autodenominado "príncipe dos ciganos".

30.04.2014 / Maria Belén Expósito é assassinada polo seu companheiro, que a arrojou dum carro em marcha no polígono de Pocomaco (Corunha).

02.04.2014 / AA.VV. de Teis e Oficina de Dereitos de Coia protestam perante a casa do concelho de Vigo pola gestom do Centro Cívico e a demora na adjudicaçom das ajudas sociais, respeitivamente.

03.04.2014 / Francisco Javier Espasandín Veloso morre em Vilar (Zás) ao caír do telhado que estava a limpar.

04.04.2014 / Comunidade de Montes de Salzedo organiza roteiro polos terrenos recuperados polos vizinhos após décadas de ocupaçom militar.

05.04.2014 / Junta constitue o Observatório Galego da Violência de Género.

06.04.2014 / No juízo a dous galegos acusados de "pertença a banda armada", um deles assegura que levava "três meses" na suposta organizaçom Resistência Galega e manifesta "arrependemento"

07.04.2014 / Esculca denuncia na Agência Espanhola de Protecçom de Dados a revelaçom de dados de pessoas presas por parte de 'La Voz de Galicia'.

08.04.2014 / Uns 2.000 trabalhadores de Navantia Ferrol e Fene manifestam-se para reclamar prazos de início do buque para a Armada espanhola.

09/04/2014 / Arguídos 11 cargos de Adif como "potenciais autores dum delito contra a segurança coletiva" e "partícipes nos delitos de homicídio e lessons" polo accidente de Angróis.

IMPUTADOS EX-ALTOS CARGOS DE ADIF POLO ACIDENTE DE ANGRÓIS

O juiz que investiga o acidente ferroviário acontecido em Angróis citou a declarar como imputados a 11 ex-altos cargos da Adif, gestora pública das vias férreas, e assinala-os como "potenciais autores de um delito contra a seguridade coletiva e partícipes em delitos de homicídio e lesons". A fiscalia anunciou que recurrirá o auto do magistrado.

CONCENTRAÇONS CONTRA A VIOLÊNCIA MACHISTA

O feminismo galego denunciou na rua os últimos assassinatos machistas. As mobilizaçons também reprovaram a passividade com que as instituiçons públicas respostam a estes atos de violência e a manipulaçom com que os meios recolhem estes feitos. No que vai de ano cinco mulheres foram vítimas mortais da violência machista na Galiza.

MARIA JESUS NEIRA, PRESIDENTA DO COMITÉ DE EMPRESA NO HOSPITAL VIGUÊS DE POVISA

"Quando Povisa dizia que estava mal, o Conselho de Administraçom subiu 75% os seus salários"

A.LOPES / Desde 2009 as mobilizaçons e as greves no hospital viguês de Povisa som umha constante. A diretiva deste centro privado tentou que as trabalhadoras passassem a reger-se polo convénio provincial, mas nos julgados este ataque aos direitos laborais conseguiu-se frear. De todos os jeitos, a empresa continua a realizar modificaçons que estám a precarizar as condiçons laborais e vitais das assalariadas. Povisa, que dá cobertura a umhas 145.000 pessoas na área metropolitana de Vigo, nom é um hospital qualquer. Propriedade atualmente de Nosa Terra XXI, grupo empresarial fundado por um dos grandes magnatas da Galiza, José Silveira Cañizares, este centro contra com um concerto económico com a Junta polo qual o 75% do seu orçamento provém de dinheiro público.

Povisa é um hospital que conta com um concerto económico com a Junta. Como influe nas pessoas trabalhadoras?

Povisa é um hospital privado mas 75% do dinheiro que recebe é dinheiro público por atender umha parte da populaçom. Por isto, entra dentro da rede sanitária pública e deveria manter as mesmas condiçons de rátio de pessoal com respecto a pacientes que o Sergas. Nom entramos nas mesmas condiçons económicas que o Sergas porque temos um convénio próprio. O que se passa é que Povisa, com a reforma laboral aprovada polo PP, pretende baixar-nos os salários. Aplicou-nos o ano passado o convénio provincial, que supunha um corte de 40% nas quantias salariais com umha perda de ativos sociais. Isto denunciou-se nos julgados, ganhou-se e agora continuamos a manter o convénio que tinhamos. Mas a empresa o que fijo foi diminuir o quadro, em 2011 havia 1500 trabalhadores e agora há 1320. Metade da quadro de pessoal está com umha reduçom de jornada imposta pola empresa. As nossas condiçons laborais piorárom apesar de continuar com o nosso convénio. Apresentárom-se em várias ocasions modificaçons substanciais das condiçons de trabalho, mudaram-nos as quendas que tinhamos (o qual denunciamos e está ganho mas continua sem se cumplir a sentença), diminuiu-se o pessoal... Estamos a trabalhar numha precariedade enorme. Um problema que temos agora no hospital é o medo que tem a gente agora de mobilizar-se pois há umha ameaça constante de despedimentos se nom aceitas determinadas condiçons.

> "Metade do quadro está com umha reduçom de jornada imposta pola empresa"

ZÉLIA GARCIA

A empresa tentou contratar gente externa na última greve...

A greve que tivemos no mês de março foi pola modificaçom substancial das condiçons de trabalho que queria fazer a empresa, a qual ameaçava com 13 despedimentos. A nossa surpresa foi que para substituir os membros do comité de greve, que nom estávamos nem com horas sindicais nem com os serviços mínimos, a empresa contratou gente de fora do hospital. A Inspeçom de Trabalho aceitou a versom da empresa, que dezia que se contratava para substituir as horas sindicais nossas, mas nós estávamos a exercer o nosso direito a greve. Aos poucos dias o chefe de Inspeçom reconhecia que a empresa cometera umha infraçom grave por contratar trabalhadores para substituir a gente em greve e que se lhe ia aplicar umha multa. Ainda que reconhece que a infraçom é grave, a multa é a mínima. Nós estamos bastante zangadas pois vemos que as instituiçons públicas se despreocupam dos problemas que há no hospital e semelha que estám do lado da direçom da empresa. Ademais, esta nom cumple as sentenças, há umha sobre os mudanças de quenda que di que tem que devolver-nos as quendas que tinhamos antes e nom o está a fazer. Há um relatório que o Valedor do Povo apresentou no Parlamento em que se afirma que Povisa é a empresa em que há mais queixas dos usuários por culpa das reduçon e pede ao Sergas que investigue. O que acontece é que com as reduçons de jornada há determinadas horas nas quais nom ficam celadores e auxiliares nas plantas, e isso repercute negativamente na atençom ao doente. Isso num hospital nom se pode passar, há que atender os pacientes as 24 horas do dia. Nom se pode predizer em que horas do dia vai ser necessária a atençom aos pacientes.

Também se fala de umha flexibilizaçom da jornada laboral. Que significa isto?

Por um lado há umha reduçom de horas e por outro querem flexibilizar essa jornada. Um dia a empresa nom te necessita as sete horas senom apenas três ou quatro, mas ti tes que fazer a final de ano as horas que tes contratadas. Se colhar hoje e amanhá trabalhas três horas, mas outro mês em que a empresa deveria contratar para cobrir as férias já nom contratará. As horas que nom trabalhaches nesses dias as terás que devolver à empresa quando esta as necessite. Vas estar a disposiçom total e absoluta da empresa.

Indicaches que a empresa está a incumprir sentenças judiciais.

A empresa está a incumprir umha sentença que se denunciara há dous anos sobre as mudanças em celadores de planta e de ausência. A empresa mudara a rotaçom das quendas, polo que agora numha semana poderias estar dous dias de manhá, dous de tarde, mesmo algumha de noite. A rotaçom de quendas têmo-la recolhida em

> "As instituiçons despreocupam-se dos problemas do hospital"

convénio e nom se pode fazer isto. Ganhou-se, também no Superior, mas a empresa nom o cumpre. Estamos cansos de que o nosso advogado faga escritos, apresente recursos e de momento nom sai nada. Cumprir com essa sentença implicaria contratar mais gente pois com a que tem nom lhe chega para cobrir as quendas que tinhamos antes.

Que papel pensades que devesse jogar a Conselharia de Sanidade nestes conflitos?

75% do dinheiro que recebe Povisa é público, entom a Conselharia deveria pedir explicaçons sobre em

CAMPANHA CONTRA PRIVATIZAÇOM DO CASTELO DE MONTE REI

A Plataforma Cidadá em Defesa do Castelo de Monte Rei está a realizar umha campanha de mobilizaçons contra o projeto da Junta da Galiza de construir um hotel na fortaleza. Entre outros motivos, a Plataforma lembra que nas condiçons de cesom do castelo à administraçom autonómica nom está contemplado o uso hoteleiro.

CONDENA DE PRISOM PARA DUAS GREVISTAS DE PONTE VEDRA

Duas trabalhadoras das instalaçons desportivas de Ponte Vedra foram condenadas a três anos de prisom por participar de umha greve em demanda de um convénio coletivo. As duas grevistas foram acusadas de verquer pintura numha piscina, causando danos que atingem 1000 euros.Vozes solidárias denunciaram a condena por injusta.

> "A Conselharia de Sanidade nunca recebeu o comité de empresa"

> "O único objetivo é a obtençom de maiores lucros a final de ano"

ZELIA GARCIA

que se investem esses quartos. Esse dinheiro tem que ir para os usuários e o pessoal que atende esses pacientes. A Conselharia nunca recebeu o comité de empresa. Todo o que nos pudemos enterar do novo concerto, que semelha que já está quase assinado, enterámo-nos polos meios de comunicaçom. A Conselharia tem umha responsabilidade porque a maioria das pessoas que venhem a este hospital som do Sergas, polo tanto tem que exigir umha qualidade e uns rátios de pessoal como as que pode ter o Sergas.

Como é a atitude da empresa?
É totalmente renitente, nom quer negociar com nós absolutamente nada. E ainda que umha sentença nos deu a razom e continuamos a manter o nosso convénio, este rematou em 31 de dezembro de 2010. Haveria que ter negociado outro convénio mas a empresa se nega. Deve de estar aguardando a que haja algo que a benefície e nos prejudique a nós. Nom se senta com o comité nem para falar do convénio nem para falar dos problemas que há no hospital nem para falar nada de nada. Nom se nos apresenta o informe económico, o qual temos direito a conhecer, para saber como vai o hospital.

Quais som as maiores diferenças entre as problemáticas laborais na sanidade pública e na privada?
Nos hospitais públicos cortou-selhes o dinheiro mas Povisa continua a manter o mesmo concerto que tinha todos estes anos. Continuam a cobrar e também se lhes aplica a suba do IPC. Nom perdérom um euro em todos estes anos enquanto ao Sergas se lhe cortou o financiamento. Mas Povisa nom tem nengum corte económico. O único objetivo é a obtençom de maiores benefícios a final de ano, mas os benefícios apenas vam para as pessoas do Conselho de Administraçom. Para se fazer ideia, em 2010, que a empresa dezia que estava muito mal, as quatro pessoas do Conselho de Administraçom subiram-se o salário em 75%, de ganhar uns 400.000 euros ao ano passárom a ganhar por volta de 800.000, segundo o informe económico desse ano. O resultado é esse, obter lucros à custa de oferecer umha

> "Ameaçam com te despedir se nom aceitas certas condiçons"

má atençom às doentes, porque se reduzem umha série de cousas que repercurtem nos usuários.

Durante as greves convocadas qual era a reaçom das pessoas usuárias? Entendiam o conflito?
A reaçom foi boa. Entendiam-no perfeitamente pois se tratava de problemáticas que também viviam. Mostrarom-nos sempre o seu apoio. Mesmo na greve que houvera no mês de agosto, em que houvera um problema com um paciente maior que tinha que ir a quirófano e nom foi. A empresa culpava a greve, mas a família figera umhas declaraçons na imprensa nas quais afirmava que as únicas pessoas culpáveis eram a direçom do centro e que estava completamente dacordo com as trabalhadoras.

Em Povisa levam muitos anos sucedendo-se mobilizaçons e greves. Há umha continuidade entre todas elas?
Levamos desde o ano 2009. Consegues umha cousa nos julgados e automaticamente a empresa já prepara fazer-che outra. Ganhámos que devolvessem a jornada de 40 horas a umha parte, pois a outra parte obrigarom-nos a assinar voluntariamente, e umha vez assinas algo ainda que nom seja voluntariamente já nom tes nada que fazer. Umha vez se assumiu isso porque vinha do julgado a empresa apresentou outras modificaçons. O que está a fazer esta empresa é que todo aquilo que perde nos julgados tenta impo-lo por grupos pequenos. As pessoas contratadas já entram com a jornada reduzida, as mudanças que conseguem da gente que por medo aceitam as reduçons... A empresa quere ir conseguindo todo isso e que logo apenas fique para negociar a parte dos salários. Aí se meterá pois a sua obsessom é que nos baixem os salários. Com a reduçom da jornada a 35 horas perde-se 12% de salário.

Mas que tiras de possitivo de todos estes anos de mobilizaçons?
A parte possitiva é todo aquilo que vas conseguindo pouco a pouco. O de ganhar a sentença é muito possitivo para nós. É como dizer-lhe que nom se pode fazer todo o que se queira, pois nem tam sequer lhe dam a razom nos julgados. Nom se pode colher umha empresa e fazer a sua vontade com ela. O ambiente que há no hospital é péssimo. A gente está a trabalhar com umhas quendas que prejudicam a vida familiar.

Que mobilizaçons pensades para um futuro próximo?
Agora estamos à espera dum julgamento. Acontece também que a gente nom se mobiliza como se devera de mobilizar. Está cansa ao nom ver avanços em grandes cousas e há medo a que te despidam. A direçom despediu desde 2009 entre 50 e 60 pessoas fixas. Devera ser o contrário, nom cansar-se, deverias estar todos os dias protestando. Quanto mais forte eres, mais demonstras à direçom que nom vas permitir o que está a fazer. Mas é muito difícil manter as mobilizaçons continuamente. Imos aguardar a que saiam os julgamentos e voltar a começar.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

ANIVERSÁRIO DO CSO A CASA DA ESTAÇOM DE PONTEDEUME

Neste mês de maio o Centro Social Okupado A Casa da Estaçom em Pontedeume cumpriu o seu quinto aniversário. A celebraçom, que se realizou após semanas de trabalho em obras de reforma no centro, contou com diversas palestras e concertos. A Casa da Estaçom define-se como um projeto aberto e assembleário.

NOVA ANDAINA EM DEFESA DA SERRA DO GALINHEIRO

A Plataforma pola Proteçom da Serra do Galinheiro, situada ao sul do concelho de Vigo, celebrou a quinta andaina por este espaço para reclamar a sua declaraçom como Parque Natural. Segundo os coletivos organizadores, mais de 2000 pessoas participaram desta convocatória e desfrutaram da beleza deste espaço.

Marx nom tem sítio na universidade

POLA PLURALIDADE NAS FACULDADES DE ECONOMIA

NGZ / "Ninguém tomaria a sério umha carreira de psicologia em que só se escuitara falar de Freud, ou umha carreira de políticas em que apenas se falasse de socialismo de Estado". Esta citaçom é parte de um manifesto assinado por 42 associaçons de estudantes de Economia de 19 países, fartas de escuitar só umha parte das múltiplas teorias existentes nas ciências económicas.

Cientes da eiva que implica para a sua própria educaçom o feito de que nas faculdades só se ensinem as vissons liberais da economia, as futuras economistas advogam por un plano de estudos que promova "umha variedade de marcos teóricos". Mas nom ficam simplesmente no marxismo, o grande excluído das faculdades, senom que também se referem às focagens clássicas, post-keynesianas, institucionalistas, ecológicas, feministas ou austríacas. Se bem muitas destas correntes beberam do marxismo outras som frontalmente opostas.

O manifesto, intitulado *Chamamento internacional de estudantes de económicas a prol de um ensino pluralista*, também assinala que a universidade "molda" a mentalidade das próximas geraçons, tendo assim umha incidência fundamental no modelo social. "Esta falta de diversidade nom só prejudica a educaçom e a investigaçom, senom que limita a nossa capacidade para enfrentar-nos aos reptos do século XXI, desde a estabilidade financeira até a segurança alimentária e o cámbio climático".

O manifesto nom foi ainda promovido na Galiza, mas sim que tivo certo eco nalgumhas faculdades do Estado espanhol e foi apoiado, entre outros, polo professor Antoni Domènech ou polo grupo Post-Crash Barcelona.

A querela contra os crimes do franquismo move-se na Galiza

DOZE PESSOAS DENUNCIARAM ANTE O CÓNSUL DE ARGENTINA EM VIGO

Carlos Slepoy, advogado da querela argentina, e Darío Rivas, o primeiro denunciante

NGZ / Com o fim de provar o genocídio perpetrado polo regime que liderou Franciso Franco e pôr fim à sua impunidade, doze pessoas entregárom o 9 de maio a sua denúncia ante o cónsul da Argentina em Vigo. Dumha mulher que, por ser enlace da guerilha, foi encarcerada e torturada às assassinadas, os crimes franquistas levam apresentando-se desde o 14 de abril do 2010, quando na Argentina –fazendo uso da justiça universal– abrem um processo judicial contra o franquismo que, a finais do mês de abril, somavam 270 querelas.

A querela argentina: impulsada polo galego Darío Rivas

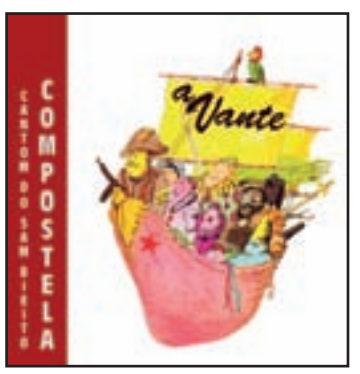
Após a morte da sua nai, Darío Rivas é enviado à Argentina com o resto dos seus irmaos para estudar. Era o ano 1929 e Darío só tinha 9 anos. Seu pai, que ficou na Galiza trabalhando como labrego, foi escolhido como alcalde do concelho de Castro de Rei, em Lugo, nas eleiçons de fevereiro do 36. Apenas três meses depois, Severino Rivas é detido polas autoridades franquistas e, o 29 de outubro, fuzilado por " traiçom à pátria".

Quase 5.000 assassinatos em menos de três anos na Galiza

Mais de quatro pessoas assassinadas cada dia, na Galiza houvo 4.699 pessoas assassinadas entre 1936 e 1939. O projecto Nomes e Voces, que documenta a repressom franquista nos primeiros anos da guerra, assinala que de somarem-se os processamentos, o número de vítimas ascende a 12.253 pessoas. Das fossas comuns que há em campo aberto ainda restam, que se conheçam, 12 por escavar. Dario recebeu a notícia mediante umha carta quando tem 16 anos e, desde aquele momento, até os seus 94 anos de hoje, nom parou de pelejar polo reconhecimento da memória, o estabelecimento da justiça e o outorgamento da reparaçom. Quando o 14 de abril do 2010 se abriu o processo judicial contra as crimes do franquismo, a primeira querela em apresentar-se foi a que denunciou o fuzilamento do galego Severino Rivas.

Radiografia da querela argentina

Para luitar contra a impunidade do franquismo, na querela argentina denunciam-se os crimes genocidas e/ou de lesa humanidade em 270 querelas, segundo os últimos dados atualizados correspondentes ao 30 de abril do 2014. A maioria das querelas som impulsadas por mulheres (133) que denunciam os delitos em nome de terceiras pessoas enquanto que no caso dos homens (122), a metade (61) o fam em nome próprio. Os crimes mais denunciados no processo judicial som as detençons e os maus tratos (32,6% dos crimes apresentados na querela), impulsados no seu 23,86% por mulheres e num 76,14% por homens. O segundo crime mais denunciado som os fuzilamentos (27,77% dos crimes da querela) impulsado no seu 64% por mulheres e o 36% por homens. Os seguintes som os assassinatos (16,29%), desapariçons forçadas (7,03%), vexaçons no Preventório de Guadarrama (4,44%), e o roubo de bebés (4,07%) que, pese ter umha mínima representaçom nas querelas individuais é o crime maioritário respeito as 15 asociaçons que se unem à querela argentina. Fecham as crimes, com entre 1-5 querelantes, as vexaçons no Serviço Militar forçado, morte em prisom, e vexaçons nos campos de concentraçom na Alemanha nazi.



CRÓNICA GRÁFICA

No 10 de maio a vizinhança da paróquia viguesa de Cabral celebrou um ano de luita contra o projeto de centro comercial Porto Cabral / GALIZACONTRAINFO

Nos maios de Ourense escuitaram-se cantos de crítica social e visibilizaram-se as reivindicaçons de movimentos populares / NON A-76 NA RIBEIRA SACRA

Dúzias de miles de pessoas saíram a rua no Dia da Classe Operária. Na imagem, manifestaçom que percorreu as ruas de Vigo convocada pola CIG / GALIZACONTRAINFO

A reclamaçom da liberdade para as pessoas presas por motivos políticos estivo presente nas mobilizaçons do 1 de maio / CEIVAR

Iniciou-se umha campanha de solidariedade com os 12 ativistas em defesa da língua aos quais se lhes pede um total de 45 anos de prisom polos protestos durante a manifestaçom de Galicia Bilingüe / DIÁRIO LIBERDADE

MAR

Após a xarda, vem a sardinha

O governo espanhol contempla num rascunho o corte até num 60% da quota de umha espécie fulcral para a frota galega

A.DIESTE / Se a xarda (ou rincha) era de importáncia para a frota galega, a sardinha é fundamental. Por isso o projeto de corte que baralha o Ministério de Pesca espanhol para os cupos deste recurso provoca arrepios no sector cerqueiro do país. Umha preocupaçom que motivou petiçons de comparecência do secretário geral de Pesca "para que explique o rascunho de plano de gestom da sardinha para a fraixa situada entre o golfo de Biscaia e o de Cádis, e que reduz de maneira drástica as quotas de pesca desta espécie".

O rascunho manejado polo ministério espanhol prevê cortar num 60% as quotas para a frota. Em 2012 os barcos do Estado espanhol capturárom quase 23.300 toneladas de sardinha. Para o exercício em curso prevê-se que as capturas (para toda a frota da península) nom cheguem às 21.000 Tm. E delas, no Estado ficariam 8.400 toneladas.

Representantes da Conselharia de Médio Rural e Mar já se reunírom com representantes do sector do cerco, e sindicatos como a CIG, para analisarem as consequências do Plano apresentado polo governo espanhol para a pesca da sardinha. Um plano que, alerta o sector, dependendo dos informes científicos, poderia implicar unha quota zero para o cerco galego e, em consequência a morte desta frota.

Os armadores nom aceitam umha possível quota zero porque significaria a morte do sector e decidírom propor que se ponha mais tope de capturas para que nom se pesque de mais "mantendo sempre o critério de que há que recuperar a espécie mas também preservar que nom desapareçam os marinheiros nem os barcos e que haja paradas biológicas subvencionadas nas épocas de recria, que é o que importa".

Aboi assinalou, aliás, que o sector quer que as campanhas científicas se fagam contando com o próprio sector. Junto com isto explicou que o conjunto do sector fijo especial finca-pé em que o critério científico nom seja o que predomine sobre o das pessoas e que a questom histórica nom seja a única a ter em conta, mas também a questom socio-económica, valorizando as possíveis consequências para os povos com maior dependência do cerco e em funçom da importáncia das tripulaçons.

AGRO

FRUGA denuncia sacrifício de animais saos nas campanhas de saneamento

REDAÇOM / A Federaçom Rural Galega (Fruga) vem de pedir explicaçons à Conselharia de Meio Rural ante a apariçom de "falsos positivos" nas campanhas de saneamento que se estám a desenvolver nas exploraçons de vacum. O coordenador provincial deste coletivo em Lugo assinalou em rolda de imprensa que tais casos, que se registaram especialmente nas provas de tuberculose, estám a ocasionar perdas muito importantes nessas exploraçons.

A atual campanha de saneamento, segundo indica a Fruga, está a levantar preocupaçom ante o número de positivos que se está a detetar na prova preliminar da tuberculose. Umha vez aparece este positivo provisório, a cabana ganadeira fica imobilizada e, dependendo da intensidade da doença detetada, alguns animais passam a serem sacrificados. "Neste caso, às reses umha vez mortas, fai-se-lhes outra prova confirmatória, mas acontece que, nos resultados confirmatórios que se fam umha vez sacrificada a rês, por volta de 95 % resultam finalmente negativos", denuncia a Fruga.

> 95% dos resultados som negativos nas provas confirmatórias

Assim, salienta-se que na comarca da Ulhoa o número de positivos provisórios na prova preliminar na tuberculose cresceu entre um 200 e 300%, estando mais de 100 exploraçons ganadeiras imobilizadas. Ante os dados expostos, a Fruga afirma que nom compreende que se tenham que sacrificar animais dos quais nom se tem a certeza de que estám doentes e responsabiliza a Junta de que se cumpram todas as garantias e os métodos mais fiáveis e corretos.

Lácteos Tambre salda dívidas com exploraçons leiteiras

REDAÇOM / O Sindicato Labrego Galego (SLG) fijo público que trás três anos de mobilizaçons a empresa Lácteos Tambre pagou as dívidas que mantinha com 7 exploraçons leiteiras, as quais contaram neste tempo com a assessoria jurídica deste sindicato. Assim, o SLG valora que fossem os protestos desenvolvidos os que forçaram a empresa a acatar as resoluçons judiciais que a obrigavam a pagar as dívidas, umhas sentenças que Lácteos Tambre estivera a evitar cumprir nos passados anos.

Num comunicado, o SLG lembra que Lácteos Tambre estivo a operar no mercado, e mesmo a receber licenças por parte do Ministério de Agricultura, quando existiam condenas judiciais firmes por estafar várias exploraçons leiteiras. Assim, o SLG fai um chamamento aos poderes públicos "para que episódios como este nom se voltem repetir, já que sentam um perigoso precedente que pode animar outros empresários sem escrúpulos a estafar e extorquir exploraçons ganadeiras".

ECONOMIA

O presidente do comité da reforma fiscal dirigiu a redaçom do texto que serviria de base aos Pactos da Moncloa

OS TECNOCRATAS SOM EMPREGUES POLOS GOVERNOS PARA DISFARÇAR DE OBJECTIVIDADE AS SUAS DECISONS

Os ‘expertos’ que nos governam

RAUL RIOS / O mais normal é que quando umha pessoa tem umha doença vaia ao médico para que a diagnostique e, se pode ser, a curar. Se o doutor receita umha determinada medicina, o mais comum é ir comprá-la à farmácia e tomar as doses segundo a prescripçom com a esperança de sanar. Pouca gente entrará a valorar se a diagnose é acertada ou se a receita é a melhor entre as possíveis ou simplesmente errada. O médico é o experto, e os que nom tenhem nem ideia de medicina confiam na sua profissionalidade e boa vontade. Nom há outra opçom. Fora dos hospitais, há quem teima em aplicar este mesmo esquema às decissons políticas e económicas dumha sociedade. Mas as metáforas médicas que se lem nos jornais, as “receitas para saír da crise”, nom som simples licenças literárias. A ideia é que, como na medicina, uns ‘expertos’ mandam e os doentes ignorantes devem obedecer.

Manuel Lagares, presidente do comité de ‘expertos’ da reforma fiscal, receveu das maos da Infanta Cristina o Prémio de Economia de Castilha e Leom em 2010.

‘Silêncio, vai falar o experto’

No discurso público, a falácia de autoridade é umha constante. Quando fala um ‘experto’ ou um ‘comité de sábios’ pouco importa se há umha argumentaçom lógica por trás da sua tese. Os meios de comunicaçom convencionais e opinadores vários darám-na por boa sempre que as palavras saiam da boca dum professor universitário ou dum alto funcionário. Ademais, a maioria da gente nom tem muita formaçom económica. A desídia jornalística à hora informar destes temas nunca pretendeu que o público comum se interessasse na matéria.

Dá-se umha cura para cada enfermidade: baixar os salários para aumentar o emprego, eliminar prestaçons às pessoas paradas para que nom se dediquem a folgar, baixar impostos aos ricos para evitar a fugida de capitais e aumentar o investimento, subir o IVA para recadar mais, privatizar os serviços públicos para melhorar a sua eficiência e um longuíssimo etcétera. Nas páginas de análise e opiniom dos jornais podem-se atopar os mesmos nomes que assinam os relatórios oficiais encarregados polo Governo. Na verdade, sobram economistas arredados da ortodóxia que se dedicam a desmontar os grandes axiomas do neoliberalismo, a explicar porque estas ‘curas’ nom servem para tratar as doenças que padecemos, que em realidade as agudizam; mas estas outras vozes nom adoitam ter sítio na imprensa do regime. Nom existe debate, a economia já nom é umha ciência social.

Precisamente, umha das funçons principais destes comités de tecnocratas convocados polos governos é revestir dumha sorte de objetividade científica as decissons políticas daqueles. O que se vende à opiniom pública é que os ‘expertos’ nem tenhem filiaçom política nem procuram réditos eleitorais, só fam o seu trabalho o melhor que sabem. Mas a realidade é que estas equipas de sábios som nomeadas directamente polo Governo e, como é obvio, os governantes nunca vam deixar-se ‘aconselhar’ por economistas que defendam teses contrárias às suas. Trata-se, a todas luzes, de comités puramente políticos.

Objectividade e interesses

Além de para a autojustificaçom pública, o poder político emprega estes grupos de assessores para pagar favores às grandes corporaçons e introduzir como membros representantes dos *lobbys* empresariais. Na equipa de tecnocratas encarregada da reforma das pensons havia três pessoas ligadas ao ámbito da banca e caixas de aforro e quatro que trabalhavam para asseguradoras. Há dous meses, o Novas da Galiza 135 detalhava como Ence influia nas decissons da Uniom Europeia através dum comité assessor da Política Agrária Comum.

> Quando fala um ‘comité de sábios’ pouco importa se há um argumento lógico por trás da sua tese

Mas a última vez que os tecnocratas irrompérom na vida pública foi com a publicaçom do relatório da ‘Comissom de expertos para a reforma do sistema tributário espanhol’, esse “Manual para ajudar os pobres ricos” que dizia Xavier R. Fidalgo no mês passado nesta página. Além do facto de serem nomeados polo PP, os curriculums destes economistas dam boa conta da sua filiaçom ideológica ou dos seus interesses no mundo da empresa.

Sem ir mais longe, o presidente do comité, Manuel Jesús Lagares Calvo, foi conselheiro da aseguradora Mapfre e director geral adjunto da Confederaçom Espanhola de Caixas de Aforros (CECA). No ámbito político, a colaboraçom do economista com o PP nom é nova. Com Aznar no Governo presidiu duas comissons de expertos para reformar o Imposto sobre a Renda das Pessoas Físicas (IRPF) e mais recentemente fijo parte do comité de reforma do sistema de pensons de Rajoy. Mas a relaçom de Lagares com as instituiçons económicas do Estado já começara no franquismo. Em 1970 foi nomeado secretário geral do Instituto de Estudos Fiscais e mais tarde, sob a presidência de Suárez, ocupou o posto de Subsecretário de Economia e encarregou-se da direçom do grupo que redigiu o Programa de Saneamento e Reforma, o texto que serviria de base aos Pactos da Moncloa.

A vanguarda neoliberal

Ademais de Lagares, os membros do comité mais pronunciados ideologicamente som Francisco Corona Ramón e Fernando Fernández Méndez, ambos colaboradores da ‘Fundación para el Análisis y los Estudios Sociales’ (FAES), o *think tank* ligado ao PP e presidido polo próprio Aznar. Corona Ramón tem no seu haver intelectual obras tam sugerentes como *Regulación fiscal y unidad de mercado*, *Límites a la redistribución* ou *Sanidad pública y eficiencia: un problema de incentivos*.

Fernández Méndez também publicou com FAES vários estudos defendendo a “reduçom” do setor público, mas as suas ideias nom ficárom no mundo intelectual. Este peso pesado do neoliberalismo exerceu como economista principal do Fundo Monetário Internacional (FMI), desde onde pudo levar à prática as suas teses e desenhar os “ajustes estruturais” e a “resoluçom da déveda” de países como o Peru, Bolívia ou Costa Rica. No seio do Banco Mundial, participou do Grupo de Prevençom e Resoluçom de Crises entre 1999 e 2002. Fernández Méndez também colheitou um grande êxito no mundo da banca privada, sendo director de estudos do Banco Santander.

> Os governantes nunca vam ‘deixar-se aconselhar’ por economistas que defendam ideias contrárias às suas

Outros ‘expertos’ do comité de Montoro destacam sobre todo polo seu trabalho no Banco de Espanha. É o caso de Maximino Carpio García -conselheiro nomeado polo PP em 2012- e Pablo Hernández de Cos, director de Análise Política e Económica da entidade. Este outro defensor das teses neoliberais tem publicado com o próprio banco estudos em defensa da reduçom do déficit público ou da privatizaçom de empresas públicas em aras da “eficiência”.

Por último, tecnócratas como Sixto Álvarez Melcón, Padro Manuel Herrera Molina, Rafael Ortiz Calzadilla ou Francisco Castellano Real contam cum perfil mais academicista, dedicando-se à publicaçom de livros sobre contabilidade ou fiscalidade sem implicaçons ideológicas tam explícitas. Umha vez aceitadas as regras do jogo, limitam-se ao eido mais técnico. Apenas o último economista citado destaca como chefe da assessoria fiscal da CECA.

Assim, entre economistas da FAES, *lobbystas* da banca ou das asseguradoras e técnicos pregados ao poder político; os governos vam legitimando a sua política económica neoliberal. Em realidade, ainda que a esquerda nom o quera asumir, é a única via posível para saír da crise. Polo menos, isso é o que dim os expertos.

A TERRA TREME

Os amazigues, autóctones do Magreb, sumam 60 milhons de pessoas no Norte de África

A LÍNGUA TAMAZIGHT ESTÁ NUMHA SITUAÇOM DE OPRESSOM EM COMPARAÇOM COM O ÁRABE

A luita secular das ‘pessoas livres’ nas montanhas do Norte de Marrocos

Nas montanhas do Rif a calor consegue parar o tempo. Umha hora de viagem semelham três, mesmo quando o caminho se fai em carro com traçom nas quatro rodas. A linha do horizonte treme dos altos graus de temperatura polo que semelha umha dança entre a cor terra e o azul céu. Sem árvores nem contruçons próximas, a única sombra que há é a das crianças apoiadas nos bidons de gasóleo à beira da estrada vaticinando a fronteira com Argelia.

Durante o Protectorado, usárom-se armas químicas contra a populaçom do Rif

O desleixo do tamazight também se dá na cooperaçom

ANA VIQUEIRA / O Norte de Marrocos arrasta ao longo dos séculos XX e XXI o maltrato dos seus governantes. Em época do Protectorado, as tropas militares espanholas usárom armas químicas contra a populaçom das montanhas do Rif, a primeira registada é em novembro de 1923. O general Hidalgo Cisneros detalha na sua autobiografia como lança 100 quilogramas de bombas de gás mostarda do seu aviom durante o verám de 24. Os ataques duram mais de três anos, em que o governo espanhol incumpre o Protocolo de Genebra de Proibiçom do uso em Guerra de Gases Asfixiantes Venenosos e outros Gases e Métodos de Guerra Bacteriológica assinado em 1925. Ainda nom se investigou se este uso de armas químicas guarda relaçom com a alta taxa de cancro nas montahas rifenhas.

Ninguém foi condenado por esta açom ainda que sim se tentou exigir responsabilidades. Em 14 de fevereiro de 2007, Esquerra Republicana expom umha proposiçom nom de lei ao Congresso dos Deputados de Espanha em que solicita o reconhecemento do uso sistemático de armas químicas contra a populaçom do Rif. Rejeitam-no 33 votos do Partido Socialista (PSOE) e a oposiçom na altura, o Partido Popular (PP).

As terras, removidas e escuras, nom sujam nem um milímetro as túnicas de branco impecável dos homens de Ait Tayer, na província de Boudinar, a quase 100 quilómetros da cidade de Nador. Os amazigues, autóctones do Magreb, sumam 60 milhons de pessoas no Norte de África, na sua maioria sob o governo de Marrocos onde chegam a ser mais de metade do país. O conjunto das suas línguas ficam englobadas no idioma tamazight. Saudamos, 'Azul'.

A opressom do tamazigh

Mohammed VI, herdeiro do trono que deixou o seu pai Hassam II – cujo reinado foi conhecido no Norte como os anos de chumbo pola repressom cara o povo amazigh – procurou dar umha imagem de apertura ao país, sobre todo depois de 20F, no marco das revoluçons norteafricanas.

A populaçom, em teoria, já pode estudar o seu idioma nas escolas ou pôr nomes amazigues às suas crianças, ainda assim o tamazight continua a estar numha situaçom de opressom em comparaçom com o árabe, língua e etnia da outra metade do país.

Fátima Tabaamrant, cantora e deputada, ergueu sua mao no Parlamento a 30 de abril de 2012 e realizou, por primeira vez neste organismo, a sua pergunta em tamazight. Formulou os obstáculos e discriminaçons que o seu idioma estava sufrindo nas escolas. Ao rematar, representantes dos diferentes partidos pedírom à presidência da sessom nom permitir falar em tamazight até dispor dos recursos para a traduçom simultánea. Dous anos depois, ainda se aguardam esses médios. No tanto, no Parlamento nom se pode fazer usso dumha das línguas oficiais no país, um gesto de opressom linguïstica que se dá em diversos Estados com idiomas minorizados.

Cruzamento de caminhos, rotulado só em francês e árabe

ALBA COLINO

O 'zoco' de Tánger enche-se de pessoas horas antes de romper jejum do Ramadám

ALBA COLINO

O desleixo do tamazight também se dá na cooperaçom. Ángela Suárez Collado, investigadora do Obradoiro de Estudos Internacionáis Mediterráneos, especializada na realidade amazigh, sublinha que no Estado espanhol “a cooperaçom oficial nom tivo nengumha implicaçom com a questiom amazigh” debido a que a “cultura e a língua do povo som o méio mais nom o fim” para a implementaçom da meirande parte dos projetos que desenvolve a cooperaçom estatal na zona, um feito que considera “mui importante” já que “contribue tanto para a sua normalizaçom nas diferentes esferas da vida pública como também para a sua protecçom”.

70% da populaçom de Melilha fala tamazigh

O desinterese do Estado espanhol polo povo amazigh chama a atençom já que vários povos que governa a Moncloa som desta etnia. O delegado do Centro de Iniciativas de Cooperaçom e Desenvolvemento (CICODE) em Moroco, José Luís Villena, sublinha que “um dos problemas que mais afeta Melilha é ser concebida como um mero território e nom como um povo” junto a contínua necesidade de “reivindicar a espanholidade de Melilha”. Também asssinala que “estimando o uso do espaço público o tamazigh é o idioma falado por 70% da populaçom” mais nom conta com protecçom algumha, nom é língua veicular na meirande parte das escolas e os docu-

Mensagem escrita em árabe na terra do Norte para lembrar a ordem imperante: 'Alá, Pátria, Rei'

ALBA COLINO

Tránsito de carruagens em Boudinar

ALBA COLINO

A bandeira de Marrocos, de 1915, tem fundo vermelho com umha estrela de cinco puntas, simbolizando os piares do islam. Originariamente, o povo amazigh é laico

ALBA COLINO

> Canárias forjara umha identidade amazigh durante dous milénios

> Amazigh sempre significou "pessoa livre"

mentos oficiais só som dispensados em espanhol. "Em Melilha as crianças, em troques de ser bilingües, som semilingües".

Manipulaçom e expólio da cultura amazigh nas Canarias

Membro da Sociedade Espanhola de História da Arqueologia, doutor em Prehistória e nativo de Tenerife, José Farrujia lamenta como a identidade guanche foi distorcida polos interesses políticos. "Sempre fôrom os colonizadores, os agentes externos, quem escrevêrom a história das Ilhas Canárias". O conceito 'pre-hispánico' nasceu no franquismo para se referir aos 2.000 anos de cultura e história canária antes da colonizaçom espanhola, dous milénios em que Canárias forjara umha identidade de base amazigh. Hoje, os livros continuam a utilizar este termo. "Com o afám de conectarnos com Europa começarom a levantar os jazigos arqueológicos e levá-los a museos", Farrujia nom só descreve manipulaçons da ciência para se fazer com o poder senom um expólio.

Na rua, ficam asociaçons, como a socialista e reivindicadora do caracter amazigh, Inekaren. Esta agrupaçom conta como o amazigh nom se erradica "da noite para a manhá" e que conservam muitos traços nas suas tradiçons, gastronomia, folklore, fala ou mesmo no desporto, seja assim a luita canária ou o gofio, umha maneira de preparar o grao. Inekarem denúncia que as instituçons "desprezam estes traços", mas também nom procuram o reconhecemento do Estado espanhol nem de nengum organismo ocidental senom que o motivo da sua luita no frente cultural "é que o povo se reconheça a si mesmo".

Ser amazigh, pessoas livres

A poucos quilómetros de Ait Tayer, Mohammed VI autorizou a construcçom do macro-complejo residencial e turístico Atalayoun e inaugurou umha nova canle que une a Lagoa de Marchica com o mar Mediterráneo, obra que ao país lhe supujo um dessembolso de 380 millons de dirhams, cerca de 38 milhons de euros. Mohammed VI recebe ao mês 10.000 dólares pola sua categoria de monarca, o dobro do que o presidente dos Estados Unidos. De facto, é o 7º monarca mais rico do mundo superando os emires de Qatar e Kuwait enquanto o ordenado mínimo legal em Marrocos nom supera os 55 dirhans (5 euros) ao dia e mais de cinco milhons de pessoas no país vivem com 10 dirhans ao dia, o que nem sequer chega a ser um euro.

Pensar em Ait Tayer é lembrar a profundidade de aquele poço junto das montanhas que o envolvem ao seu redor. Ainda que já trascorra a auga canalizada, também continuam esses profundos canais que se adentram na terra nas alturas do Rif cheios de história sem memória, de direitos sem humanos e de leis sem justiça. Mas amazigh sempre significou "pessoa livre", se calhar o que nunca estivo permitido e o que sempre se precisou foi precisamente ser amazigh.

ALÉM MINHO

"Há anos que participamos em atividades, projetos e publicaçons onde colaboram pessoas de ambas as beiras do Minho"

'CÍRCULO EDIÇÕES' É UM PROJETO EDITORIAL QUE PROCURA ESTIMULAR AS LIGAÇONS GALIZA-LUSOFONIA

"Em Portugal há um crescente apoio à Galiza na CPLP, mas teremos que conseguí-la nós"

RAIMUNDO SERANTES / Desde 2013 temos um novo projeto editorial com o objetivo explícito de "fomentar os intercâmbios entre a Galiza e o resto da Lusofonia". Trata-se do Círculo Edições – Iniciativa Cultural Galego-Portuguesa, que aliás decidiu adotar o Acordo Ortográfico de 90 para aproveitar a "contigüidade lingüística entre os falares galegos e os portugueses". O centro da atividade da editora encontra-se agora na revista Elipse e os seus votos para um futuro promissor na aposta em novos valores.

A Através (editora da AGAL) já distribui em Portugal; cada vez mais editoras falam de abrir linhas em português e agora surgides vós. Sodes umha iniciativa excecional ou sentides-vos parte de umha maré?

Ainda que a iniciativa Círculo Edições foi apresentada há quase um ano, em junho de 2013, esta ideia nom é tam nova, já que há anos que participamos em atividades, projetos e publicaçons onde colaboram pessoas de ambas as beiras do Minho. Nom nos sentimos excecionais, pois já havia outras entidades, e nomeadamente a Através, com umha longa trajetória e muito trabalho bem feito. Porém, um país normal tem muitas editoras próprias que na dimensom agregada da sua atividade fortalecem o sistema cultural; nós aspiramos à normalidade.

Estamos diante de um triunfo moral das organizaçons de orientaçom reintegracionista, mas nom se pode falar nem de maré nem de movimento organizado. Se calhar seria mais exato falar-mos de processo contínuo de apariçom de iniciativas ou da passagem de novas pessoas ao emprego da ortografia histórica.

Há muita resistência, porém. Teresa Moure já nom poderá publicar mais em Xerais... e Séchu Sende nom pudo fazê-lo em Galaxia.

Certamente, existem focos de resistência institucionais; entendo "instituiçons" de um modo laxo. Devemos assinalar que há aqui umha contradiçom, dado que por um lado falam de abrir linhas em português e procurar vias de promoçom, mas por outra imponhem umha opçom para a representaçom da língua nom coerente com o pressuposto anterior. Nós imaginamos que é possível que algum dia podam publicar em "Gerais" ou "Galáxia" por mudarem essas editoras de filosofia lingüística. Se nom for assim, teremos todo o prazer de aceitar nós as propostas de todas aquelas pessoas que tiverem vontade de publicar e se encontrarem com entraves para o fazer.

> "Nós aspirámos à normalidade cultural nas nossas relaçons"

Hoje o jornal Público português publica um editorial em que reclama a inclusom da Galiza na CPLP?

Efetivamente, em Portugal há um crescente apoio para a inclusom da Galiza na CPLP, onde a aprovaçom da Iniciativa Paz Andrade foi recebida muito positivamente. Devemos alegrar-nos por este interesse. Mas devemos ser conscientes de que a inclusom nom virá do Sul, senom que a teremos que conseguir nós. Por isso haveria que pensar numha estratégia e nos passos concretos que podemos fazer aqui para que se assuma a integraçom de forma transversal, como ocorreu com a Iniciativa Paz Andrade.

Como participar no vosso projeto?

Pode-se colaborar de duas formas. A primeira delas é enviando colaboraçons para serem publicadas em Elipse ou propostas de publicaçons. Gostaríamos de contar com os contributos daquelas pessoas que começam a publicar, já que outro elemento muito importante do nosso ideário é a promoçom de novos valores. Para isto o único que têm que fazer é mandar-nos um e-mail. Simples.

O segundo é indireto. Ao sermos umha entidade autofinanciada e reinvestirmos os "benefícios" na continuidade do projeto, adquirir as nossas publicaçons é umha forma de colaborar, especialmente assinando Elipse, a revista. O êxito dos números 1 e 2 permitem-nos tirar os dois primeiros livros. Nom aceitamos contributos económicos diretos, nem públicos, nem privados.

POVOS

A 'Cymru do Sul' perdeu a sua continuidade natural pola expansom do reino de Wessex

Kernow, os galeses do sul

JOSÉ ANTOM 'MUROS' / Neste mês saiu em distintos meios europeus a boa nova de que a populaçom de Kernow (Cornualha) tinha adquirido por parte do estado britânico de minoria nacional. Alem de ironizar sobre por que e para quem som minoria, tam só nos queda mostrar ledícia por equiparar este povo inexistente até agora para a britânica oficialidade com a Alba (Escócia), o Cymru (País de Gales), a Ilha de Mannin e os seis condados da província histórica do Ulster que se conhece como Irlanda do Norte e que som parte do Éire (Irlanda). Depois de anos de luitas sociais e políticas reconhece-se que as e os córnicos nom som ingleses.

Este povo do extremo sul-oeste da Ilha da Grande Bretanha é junto com Cymru herdeiro direto dos povos britónicos da ilha prévios aos saxons que assimilárom a muitas das antergas comunidades que nom se refugiárom no Oeste da Ilha ou nom migrárom cara os outros 'finisterraes' do Sul-Oeste Atlántico: Breizh e a Galiza. Kernow tem umha historia de tesom e resistência a umha fera asimilaçom cultural-lingüística, institucional, religiosa que começa mui prematuramente há uns mil anos e que quase remata com este pequeno e tenaz povo de meio milhom de habitantes em 3.500 km. Nestas datas a 'Cymru do Sul' perde a sua continuidade natural com Cymru, pola expansom do reino anglo-saxom de Wessex. Tenhem que aceitar umha incorporaçom nom total, e com *status* de ducado particular dentro deste e que inicia um processo que dura até datas recentes.

A paulatina e implacável assimilaçom dos córnicos à Inglaterra, como também em menor medida a dos seus irmaos galeses, é política de estado. De ducado passárom a condado comum inglês, fôrom forçadamente integrados com os galeses ao sistema judicial britânico (nom assim Alba) e a umha institucionalidade, a do Reino Unido, que rematou com o parlamento escocês desde o Século XVIII até os nossos dias com a *Devolution*. A pressom para a *devolution* de Kernow seguindo a recente esteira de Alba e Cymru trouxo este reconhecimento e há de trazer também o reconhecimento do marco próprio córnico com as suas instituiçons específicas. Esta reivindicaçom foi assinada numha campanha histórica polo 15% do censo eleitoral da populaçom: 40.000. E apoiada segundo os inquéritos pola maioria da populaçom. É a crista da onda pola liberdade do Povo, pola reconstruçom dum marco próprio trabalhado por um movimento sócio-político que mesmo recuperou um idioma, o córnico, extinto no século XVIII nos falantes, mas nom na memória e no sentimento do povo, nas suas lendas, refráns... Desde o 1933, em que se celebrou a primeira missa em córnico, passárom muitos anos; traduziu-se a Biblia, há rádios comunitárias, periódicos, e mesmo escolas neste idioma. No 2010 inaugurou-se a primeira escola de imersom nesta língua, vam já pola quarta e umha nova geraçom, filha dos ativistas, tem como primeira língua que tivo a finais do XVIII os seus anteriores falantes. Provas de um desejo de viver.

TRIBUNA

A 'rendibilidade política' é, de esquerda a direita, o paradigma que determina o que deve e nom deve ser feito

ESTRATÉGIAS DA REPRESSOM CONTRA O INDEPENDENTISMO

A resistência sem preço

Antom Santos

Umha das características do mundo em que vivemos é a imposiçom do cálculo como padrom de racionalidade. A razom económica colonizou todas as formas de pensamento, e a folha de cálculo -o balanço contável entre custos e benefícios- converteu-se em referência única para avaliar o sentido das acçons. Até a 'rendibilidade política' é, de esquerda a direita, o paradigma que determina o que deve e nom deve ser feito.

A dominaçom administra com gosto e facilidade indivíduos que calculam, e sente medo e incompreensom ante os que nom o fam. A utilizaçom da moderna racionalidade económica para o submetimento tem um exemplo estudado na forma em que os nazis administrárom o holocausto: a relativa passividade dos judeus ante o seu próprio extermínio tem-se explicado polo facto de os carrascos dividirem a distáncia entre umha vida digna e a cámara de gás em várias estaçons intermédias que a lógica do cálculo aconselhava transitar. Se a desobediência tinha muitas possibilidades de levar ao martírio, parecia 'inteligente' preferir o estigma à morte, e depois o ghetto à morte, e depois os trens à morte, e depois os campos de concentraçom à morte. Mas os negócios acostumam beneficiar quem os propom, e ainda mais quando som gatos propondo-lhos a ratos: hoje sabemos bem que, ainda que o balanço de custos e benefícios de cada umha destas escolhas pudesse oferecer umha possibilidade às vítimas, o único que fixo foi desativar a sua resistência, e permitir aos vitimários umha execuçom doada e humilhante do extermínio.

A ciência do poder desenvolveu e aperfeiçoou toda esta lógica da administraçom do domínio, que, por outra banda, é muito mais efectiva e fácil de aplicar quanto mais educadas estám as pessoas e as naçons na moderna e individualista racionalidade económica. Hoje, que podemos constatar melhor do que em qualquer outra época histórica como é que a Galiza está a ser destruída e os direitos conquistados polo nosso povo através de décadas de luita estám a ser revogados, podemos comprovar também que Espanha se impom baixo ofertas e promessas, e nom baixo o ruído dos tanques e os fuzis. Os negociadores da submissom som arteiros e teimosos, e petam no dia-a-dia nas portas das nossas aldeias, das nossas fábricas ou das nossas escolas, oferecendo paraísos de progresso e consumo a cámbio de integraçom e claudicaçom. Nada distinto fam quando petam na porta dum militante encarcerado ou ameaçado pola repressom.

A geraçom de independentistas à que pertenço conviveu desde a sua infância militante com umha das taxas de desemprego e precariedade juvenis mais altas da Europa, e com um goteio incessante de ofertas de emprego e colaboraçom por parte dos serviços de segurança do Estado. Som poucos os companheiros e as companheiras que nom tenhem recebido suculentas propostas económicas, académicas ou laborais a cámbio de abandonar a sua militáncia, e/ou de colaborar com a repressom. Nom sei quantos militantes fôrom algumha vez comprados, mas sim sei que em cada negativa (e constam-me muitas) Espanha perde muito mais que um colaborador, e as galegas e os galegos ganhamos muito mais que um exemplo de dignidade e de coragem: ganhamos mais um espaço do nosso povo livre da lógica mercantil, isolado das auto-estradas do cálculo e a rendibilidade através das quais o poder veicula as suas ofertas de assimilaçom e de morte. Quem sabe se a mistura de frustraçom e incompreensom que devem experimentar os mercaderes do CNI, da polícia ou de Instituiçons Penitenciárias ante cada negativa dum militante galego a aceitar algo que 'objectivamente nos benefícia', se parece em algo a aquela exasperaçom que descrevia T.E. Lawrence nas filas do exército britânico, ante a irracionalidade tribal dumha resistência árabe que nom agia em base às normas culturais e aos patrons estabelecidos para a guerra moderna. E é que o sentido e a achega mais valiosa da luita de resistência do independentismo galego nas últimas décadas tem sido, precisamente, a de manter aberto um espaço de confrontaçom nacional e popular nom assimilado às lógicas políticas e sociais de Espanha e o seu consenso democrático, ou, por outras palavras, construir e reproduzir na indomabilidade do monte e da precariedade todo um sector do nacionalismo galego, enquanto a maioria decidia vestir a garavata e baixar às cidades e aos parlamentos a consumir e a negociar. Por desgraça, a galega nom pode aspirar hoje a ser umha resistência material aos planos de destruiçom espanhola, mas si que se pode constituir num referente e num parapeto desde o que alimentar formas de defesa e de construçom nacional nom assimiladas à lógica e à psicologia espanholas. Esta forma de resistência fortalece-se cada vez que o inimigo nom a compreende, a risca de bárbara ou de absurda, e nom é capaz de chegar a um acordo com ela.

> Espanha impom-se baixo promessas, nom baixo o ruído dos fuzis

Pola contra, os apelos à 'rendibilidade' lançados por amigos e inimigos, os chamados bem-intencionados e mal-intencionados a que as e os militantes independentistas apliquemos 'a lógica', abandonemos a desobediência e nos beneficiemos dos favores do Estado, nom fam mais que debilitar a Galiza que resiste. E nom tanto pola pressom que podam supor sobre as nossas e os nossos combatentes, mas principalmente polo débil que fica o país quando desde posiçons nacionalistas se coincide no discurso com os polícias, os carcereiros e os políticos de Espanha. Desde um e outro lado chegam-nos vozes dizendo que passar anos em prisom por reconhecermos e defendermos dignamente a nossa condiçom de independentistas galegos nom compensa. E tenhem razom. Mas quem nos orgulhamos de identificar-nos com a nobre tradiçom de luita e afirmaçom do povo galego, nom esquecemos que, ao contrário que a maioria dos prisioneiros de Auschwitz, a naçom galega continua viva e o nosso povo conserva a semente da dignidade graças a pequenos gestos que raras vezes 'compensam'. Na Galiza de hoje, dificilmente 'compensa' perder um posto de trabalho por ser galego-falante e nom renegar do idioma, ou por participar numha dessas greves gerais com as que há tempo que 'nom se consegue nada': o 'inteligente', para nom sofrer de forma inecessária e inútil, seria dirigir-se ao patrom em perfeito castelhano, declarando o arrependimento ante qualquer atividade sindical passada e o firme propósito de colaborar com a empresa no que esta estime necessário. Que dizer no caso de mulheres com filhos que manter e hipotecas que pagar: parece pouco rendível -alguns mesmo diriam 'fanático'- arriscar-se a rematar no desemprego por nom tolerar as apalpadelas de um chefe baboso.

As e os independentistas galegos sempre fomos assim, algo 'absurdos', pouco 'lógicos'. Começamos a militar esquivando as acusaçons de estarmos equivocados de época, e medramos de costas à 'lógica política' do nosso tempo. Rechaçamos um modelo em base ao qual militar no nacionalismo levava com normalidade conhecer restaurantes e ganhar oposiçons, e com estranheza viver na precariedade e dormir nos calabouços. E quando outros as convertiam em celebraçons do santoral laico da esquerda, nós continuamos emocionando-nos e recordando com orgulho àquelas mulheres e homens que num 8 e num 10 de Março, num 26 de Abril, num 1 de Maio e em tantas outras ocasions e lugares, nom calculárom bem ou simplesmente rechaçárom aquelas opçons que lhes reportariam maior benefício pessoal, e graças a isso nos figérom sentir orgulho polo género humano. Eis a lógica da resistência galega: a dos trabalhadores que aceitam o desemprego antes que a humilhaçom, a das mulheres que escolhem o enfrentamento antes que a submissom, a dos militantes que preferem a repressom à colaboraçom. A dumha luita que só compensa se introduzirmos novamente na folha de cálculo o valor de fazer parte dessa Galiza nobre e digna que nom se vende, e que por isso segue viva.

Antom Santos Pérez,
preso independentista galego.

EM ANÁLISE

A questom migratória nom aparece nas luitas dos movimentos sociais com a urgência que merece

NO 'ESPAÇO SCHENGEN' A LIBERDADE DE MOVIMENTOS DEPENDE DA COR DA PELE E DA CONTA BANCÁRIA

A ‘Europa fortaleza’ também é a nossa responsabilidade

Houvo um tempo em que os povos eram nómadas que se moviam em funçom das suas necessidades ou inquedanças. Passárom já alguns séculos, mais as migraçons continuam a ocorrer. Na atualidade, essa velha Europa que se autoproclama garante dos direitos humanos e das democracias está regida polo espaço Schengen, onde a liberdade de movimentos das pessoas, depende da cor da pele e da conta bancária destas. Cada vez é mais claro que a “Europa fortaleza” perpetua o genocídio com as suas políticas migratórias, que convertem o Mediterráneo num gigantesco cemitério: quase 20.000 mortos na última década.

XABI LOMBARDERO / Se tivéssemos mais espaço, haveria que falar sobre o que sucede com os recursos naturais dos países do sul, quem os explora e de que jeito. Como se está a promover um determinado desenvolvimento que nom fai mais que aprofundar as desigualdades e expulsar a gente das suas terras mentres lhes impedimos entrar aqui. Como, com o nosso consumo irresponsável contribuímos para a sua dependência. Haveria que analisar também o papel que representam os meios e os representantes políticos, de todo signo, quando apresentam as migraçons coma um problema ou umha ameaça. Quando falam de pessoas em termos de legalidade, reduzindo-os a simples números, ou no melhor dos casos, quando só as pensam como mao de obra para aquilo que chamam mercados. Cumpriria, também, assumir a nossa própria responsabilidade, pois a questom migratória nom aparece nas luitas dos movimentos sociais e das diferentes esquerdas com a urgência que merece. Pois definitivamente, os discursos, as práticas e a legalidade vigente aproximam-nos dos tempos obscuros dos anos 30 e nom podemos continuar a olhar para o outro lado.

Imaginemos que durante umha das muitas manifestaçons que se dam nos últimos meses no Estado, a polícia dispara contra a populaçom e mata 15 pessoas das que estávamos concentradas, que sucederia? Qual seria a nossa reaçom? Seguramente nos toparíamos com umha forte resposta da sociedade exigindo responsabilidades e até poderíamos sonhar com baleirar ou tomar algum parlamento como resposta à violência institucional. Mas o que sucede quando esses mortos som negrxs subsaarianxs ou marroqunxs é umha resposta frágil, umha condenaçom edulcorada que nom se afasta da lógica colonial com que construímos a nossa realidade. O nosso país, apesar de ficar longe do estreito, da chamada pressom migratória, e de contar com os processos migratórios ligados ao retorno, nom está livre de reproduzir estes comportamentos.

> A legalidade vigente aproxima-nos dos anos 30

Os princípios do racismo institucional

As migraçons internacionais no contexto das democracias liberais europeias estám determinadas polo contexto legal e jurídico do espaço Schengen, que está baseado em três princípios nem sempre complementares. Por um lado, o neoliberalismo, onde os fluxos migratórios se regulam em funçom das necessidades económicas dos sacralizados mercados. Num segundo termo, o princípio de soberania, que pretende controlar um território determinado e a populaçom que habita no mesmo. E finalmente, o principio de identidade polo qual as instituiçons tentam uniformizar a ideia dumha Europa de tradiçom judaico-cristá. Sem respeitar as múltiplas diversidades internas e aquelas pessoas que nom se adequem a esta pretendida homogeneidade som

Detrás das regras sempre existem interesses e ideologias

vistas coma umha ameaça. Por isso, as migraçons som apresentadas como um problema nos discursos dos meios, das instituiçons e da própria sociedade europeia.

A liberalizaçom, a expansom do mercado e a concentraçom de capitais em grande escala nom conseguírom globalizar o mercado de trabalho, pois os capitais sim podem circular livremente, mas nom tanto as mercadorias (a UE é especialista em impor taxas aduaneiras para proteger os seus produtos), e muito menos as pessoas.

É aí que os muros fronteiriços se fam mais elevados e difíceis de ultrapassar para as pessoas que estám debaixo da linha do humano, que diria Frantz Fanon. O martinicano fundamenta nas suas obras a existência dum racismo institucionalizado que se instala nas consciências individuais, mesmo naquelas pessoas inferiorizadas, e que ainda a dia de hoje dirige as políticas migratórias europeias. Como explicar se nom o que ocorreu em julho de 2010 com a expulsom de cidadaos comunitários da França, os ciganos romaneses, ou o que sucede todos os dias no muro de Ceuta, em Lampedusa ou no Monte Gurugú de Melilha, para nom mencionar os CIES. Neste sentido, temos que ressaltar que detrás de toda regulamentaçom legal sempre existem interesses e ideologias que fundamentam a referida legalidade numha pretendida natureza objetiva que uma analise mais profunda revela falaz.

Os três níveis fronteiriços do tratado de Schengen

O tratado Schengen, que entrou em vigor em 1995 e fai parte do direito europeu desde o tratado de Amsterdam no 1997, traduz-se na aplicaçom de procedimentos e normas comuns no referente a vistos para estadias curtas, pedidos de asilo e ao controlo e gestom de fronteiras. Ao mesmo tempo que intensifica a cooperaçom e a coordenaçom entre os serviços policiais e as autoridades judiciais para garantir a "segurança" dentro do espaço. Assim pois, estabelecem-se três tipos de limites fronteiriços. Os *externos*, físicos e tangíveis, onde predominam a burocratizaçom do controlo migratório mediante os registos e as bases de dados em que os sistemas de informaçom SIS I e SIS II (ainda a serem ultimados) som fundamentais. Em segundo lugar, estám as *fronteiras externalizadas*, baseadas em acordos com os Estados fronteiriços do espaço Schenguen, nomeadamente Marrocos e a Turquia. Ainda que cada vez essas fronteiras sejam mais amplas e chegam até o Senegal ou a Guiné-Bissau, por exemplo. Estám ligadas as políticas de cooperaçom oficial, contam com assessoramento técnico de funcionários europeus trabalhando com as administraçons desses Estados, que som responsabilizados e penalizados por nom exercerem um bom controlo fronteiriço. Finalmente, estabelecem-se as *fronteiras internas* que nom som mais que os controlos policiais, as redadas e as normas estatais de cada Estado-membro, que nom venhem impostas pola UE como se costuma pensar. As medidas ligadas às fronteiras internas consistem na proliferaçom dos CIES, nas chamadas ordens de expulsom, e nas demais práticas que criminalizam a populaçom migrante ou é discriminada para aceder a serviços públicos (saúde pública, aceso a locutórios e internet públicos, etc).

As medidas nas fronteiras internas fam proliferar os CIES

FRONTEX, o negócio da violência nas fronteiras da Uniom Europeia

Nom quero concluir estas linhas sem me referir à Agência Europeia para a Gestom das Fronteiras Externas (FRONTEX), em que empresas e lobbies da segurança fam o seu negócio, como demostram recentes investigaçons. Para exemplo, *FRONTEX, lobbysmo y privatización del sistema de control de fronteras*, de Antigonia Nexo Informativo (*http://antigonia.com*). A FRONTEX está composta pola polícia dos Estados-membros e trabalha ligada à Europol, CEPOL, OLAF e demais agências de segurança ocidentais. A sua actividade más conhecida é deter 'cayucos' de migrantes que tentam chegar às costas do sul da Europa. Ademais de organizar operaçons conjuntas de devoluçom de migrantes, os chamados voos da vergonha, onde violam o direito europeu que proíbe as deportaçons forçadas. Aqui entram também os acordos com linhas aéreas comerciais. É o caso da AirEuropa, que em finais de 2012 assinou um contrato com o Estado espanhol por onze milhons de euros para empregar os seus avions e tripulaçom nessas deportaçons massivas, que podem ser feitas também através de voos comercias, nom somente 'charter'.

A FRONTEX funciona coma um autêntico exército, nesta guerra contra a imigraçom levada a cabo pola UE nos últimos dez anos, que nom responde ante ninguém. Tem personalidade jurídica própria, distinta à da UE e a dos Estados-membros, já que está ligada institucionalmente e em simultâneo aos órgaos comunitários e aos dos Estados. Esta ambiguidade entre independência e controlo leva-nos inevitavelmente à diluiçom das responsabilidades nas suas atuaçons. A amplitude das suas competências permite-lhe deslocar tropas e iniciar operaçons conjuntas sem necessidade de pedir autorizaçom a ninguém. Assim sucedeu na última intervençom da NATO na Líbia, ou na crise grego-turca de finais de 2010, onde mobilizárom as suas equipas de intervençom rápida conhecidas coma 'Rabits' (por 'Rapid Border Intervention Team'). As mesmas equipas que costumam operar nas costas da Mauritánia, o Senegal e a Guiné-Bissau, violando o espaço marítimo e a soberania desses Estados.

A agência FRONTEX funciona como um autêntico exército

Queremos umha Europa cárcere?

Em definitivo, é urgente reformular a questom migratória com umha visom diferente à atual, onde Europa parece um grande cárcere e onde conceitos como estado de direito, soberania e identidade militam ao serviço dos perversos interesses das elites económicas transnacionais, e cumpre fazê-lo assumindo a nossa tarefa de denúncia e pressom organizada contra essas instituiçons que nos governam e a sua legalidade assassina.

Xabi Lombardero
Sóciologo, com um mestrado em Migraçons Internacionais, trabalhou em ONGs na Guiné-Bissau e na América Central

EM ANÁLISE

Sim ou sim?

PARA MUDAR A NOSSA QUOTIDIANIDADE É PRECISO RACHAR COM VELHOS ESQUEMAS QUE NOM CONTINUAM VIGENTES

Daniel R. Cao

Reafirmar-se hoje numha continuidade na Uniom Europeia por parte de alguém que escreve desde a sua periferia poderia ser interpretado só de dous jeitos: ou umha brincadeira ou umha impostura intelectual.

Os motivos que sustentam estas reaçons som claros, umha vez vistas as conseqüências que dita uniom está a ter para quem a conforma:

Europa foi concebida como um grande Estado ou, se quigermos, como um Estado de Estados. O Estado, a priori, tem como papel essencial funcionar como mecanismo redistribuidor e como elemento equilibrador dos conflitos entre o público e o privado. Porém, nada disto, senom o contrário, está a produzir-se no seu seio.

Sobre a primeira das aceçons, é desnecessário dizer que o processo atual no qual se encontra o continente nom é tanto o de reforçar o seu Norte, como sim o de periferizar o seu Sul. As estratificaçons Norte-Sul que os geógrafos políticos de esquerdas identificaram dentro do continente europeu incluíam dentro da parte privilegiada os países nórdicos e as regions do norte de Itália, excluindo portanto Portugal, Espanha, o sul de Itália e a Grécia. A situaçom nestes quatro territórios é já por demais evidente que torna desnecessário comentar.

Sobre a segunda, a Europa apresenta-se hoje como um ente desvirtuado em que os centros de decisom parecem ser um marco absolutamente flexível, no que entidades alheias às instituiçons representativas, nomeadamente bancos, grandes empresas e agências de qualificaçom, parecem ser o agente com mais músculo. Sirva como dado o papel dos *lobbys*, capazes de orientar e, sobretodo, desorientar nom só as votaçons produzidas dentro dos distintos órgaos colegiados, senom inclusivamente mudar a redaçom dos textos normativos.

Existe ademais um terceiro dato que fala da periferizaçom dos países do sul: estám infrarrepresentados em todos os órgaos por três razons. A primeira, demográfica: som os países com menor populaçom, coa excepçom de Espanha. A segunda, económica: possuem as economias mais débeis (em todas elas o mais pujante é o setor dos serviços). Terceira, histórica: som as quatro democracias mais "jovens", ou melhor dito, fôrom os países que mais tardárom em abandonar o processo autoritário, o qual influiu ademais em que a sua incorporaçom fora a mais tardia.

Com esta composiçom de lugar cabe, de novo, perguntar-se pola continuidade de um país periférico no marco europeu ou do euro. A resposta de quem escreve é firme: sim. E gostaria de aportar três razons coas que sustentar a postura afirmativa à continuidade no processo de integraçom, assim como matizá-la:

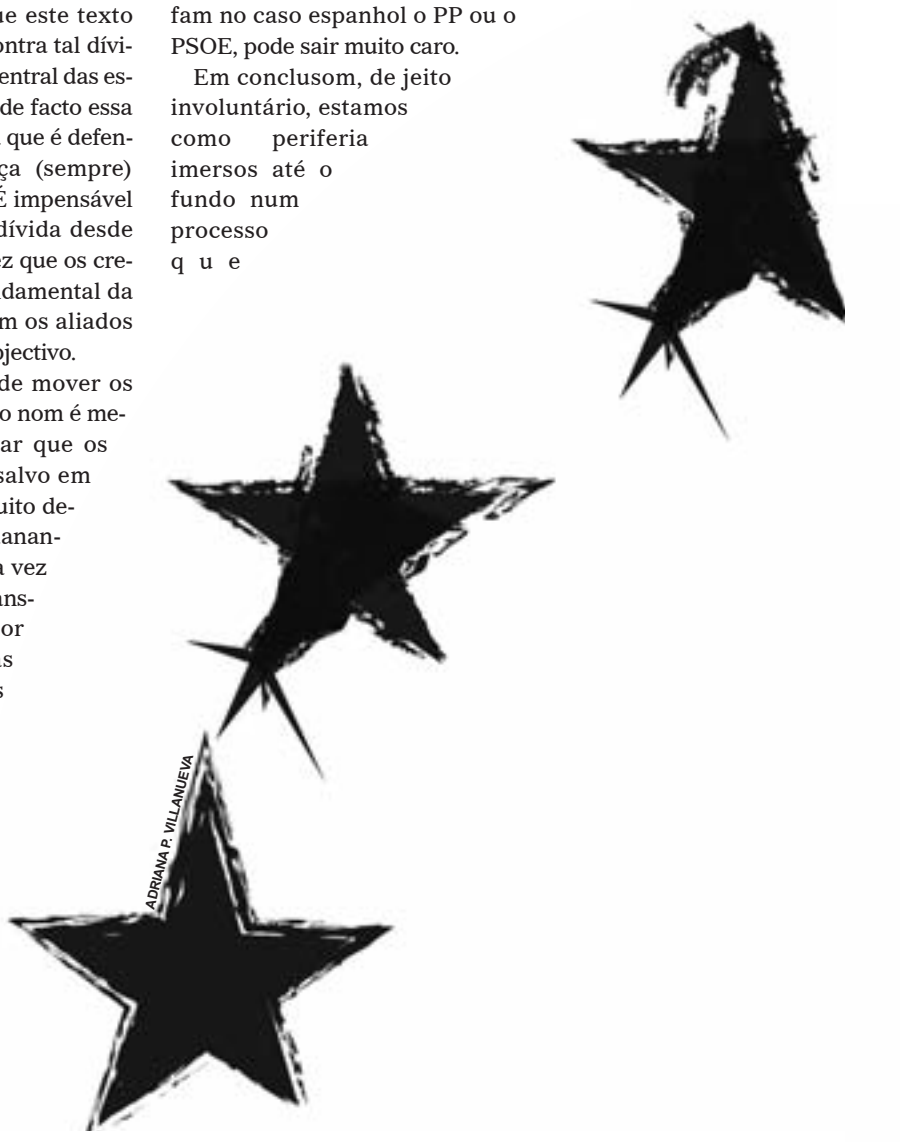
– Antonio Gramsci tinha como um dos seus elementos teóricos fundamentais a escolha do campo em que se devem desenvolver as batalhas. E, como afirmou, os despossuídos som tal porque som quem menos recursos de qualquer tipo possuem, e enquanto nom se inverta essa situaçom, será o inimigo quem escolha onde se tem que desenvolver. No nível que nos traz, é claro que a UE é o lugar onde o neoliberalismo está a impor os seus mais ambiciosos projetos: basicamente dous, a total liberdade de mercado e o avanço na estratificaçom social. Tencionar obviar Europa hoje é deixar caminho livre para que isto avance sem remédio, umha vez que as suas elites estám a viver a sua própria "luita final".

> Obviar Europa é deixar via livre ao neoliberalismo

– Em linha com o anterior, o setor hegemónico da UE está a reforçar-se sobre um dos mecanismos de controlo social e económico mais eficazes dos últimos anos: a dívida externa. A dívida, e concretamente os seus donos, comportam-se como um agente implacável que, de nom ser travado, aprofundará o processo de periferizaçom com que este texto começava. A luita contra tal dívida deve ser agenda central das esquerdas periféricas, de facto essa é a única razom pola que é defensível umha pertença (sempre) temporal à Uniom. É impensável umha ruptura coa dívida desde fora da UE, umha vez que os credores som parte fundamental da mesma, mas também os aliados para conseguir tal objectivo.

– A necessidade de mover os marcos. Por polémico nom é menos razoável afirmar que os marcos nacionais, salvo em questons tácticas muito determinadas, estám danando à esquerda umha vez que a agressom é transnacional. Apostar, por tanto, por superar as distintas questons nacionais para fazer fronte à agressom desde umha uniom periférica é hoje de vital importância para confrontar o período austeritário. Isto nom é nengumha frivolidade, veja-se senom o caso latinoamericano, em que a já conhecida como "década ganha" parte de umha aliança transnacional e federalista, complementada coa criaçom de órgaos continentais coa finalidade de afiançar o seu processo descolonizador. E mais umha neste nível: som principalmente as forças políticas ultradireitistas e xenófobas quem estám a hegemonizar o discurso eurocético. Cair nessa trampa, ou na simples defesa da Uniom Europeia como algo funcional, como fam no caso espanhol o PP ou o PSOE, pode sair muito caro.

Em conclusom, de jeito involuntário, estamos como periferia imersos até o fundo num processo que nom escolhemos, mas que é absolutamente determinante na nossa quotidianidade. Mudar esta passa por mudar dito processo, confrontá-lo nom se fará a partir dos hipercriticismos, senom desde começar a romper com velhos esquemas que na atualidade, para bem ou para mal, nom continuam vigentes.



Para além do debate eleitoral e da valoraçom dos resultados fai-se necessário refletir sobre a natureza da UE e as suas possibilidades de participaçom política

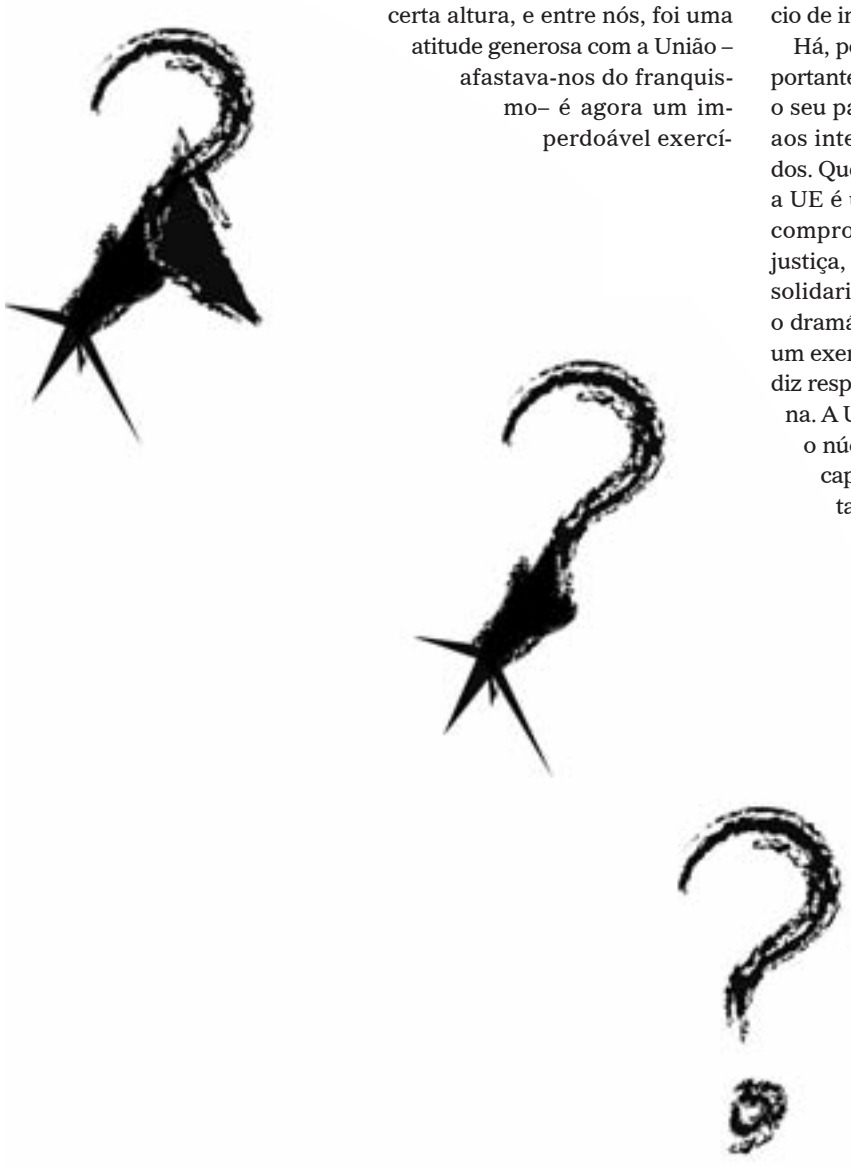
— Três perguntas arredor da UE —

A UNIOM EUROPEIA NASCEU PARA PERMITIR O DESENVOLVIMENTO PLENO DO CAPITAL E DOS SEUS INTERESSES

Carlos Taibo

Para que serve a UE?

A União Europeia é uma instância criada com o duplo propósito de evitar as guerras que marcaram, na Europa ocidental, a primeira metade do século XX e de estabelecer um cenário que permita o desenvolvimento pleno do capital e dos seus interesses. Se esta segunda dimensão não resultou tão evidente ao abeiro dos mal chamados Estados do bem-estar, hoje aparece claramente ante os nossos olhos. Num sentido geral, é difícil imaginar que a UE, em qualquer das suas manifestações, possa devir um projeto diferente do que materialmente é. Por isso o lógico é concluir que o que em certa altura, e entre nós, foi uma atitude generosa com a União – afastava-nos do franquismo– é agora um imperdoável exercício de ingenuidade.



Há, porém, outra dimensão importante da União: a que sublinha o seu papel de franca submissão aos interesses dos Estados Unidos. Quem pense nesta altura que a UE é um agente internacional comprometido com a causa da justiça, da liberdade, da paz e da solidariedade, deveria examinar o dramático registo da União, e é um exemplo entre muitos, no que diz respeito ao conflito da Palestina. A UE é, no melhor dos casos, o núcleo europeu ocidental do capitalismo internacional, de tal maneira que considerar que o euro é uma moeda filantrópica vencelhada com o comércio justo é deturpar dramaticamente a realidade.

> É difícil que a UE devenha num projeto diferente do que é

> A soberania que conservam os países membros é distinta

Como nos afetam as decisões da Uniom Europeia?

De maneira cada vez mais direta, tanto mais quanto que os diferentes Estados-nação que integram a UE renunciaram a atribuições importantes em matéria económica e social. É verdade, mesmo assim, que a soberania que conservam os países membros é distinta, circunstância que vem explicar por que a Alemanha ou a França podem impor regras de jogo de obrigada satisfação a Estados menos poderosos. É suficiente com lembrar ao respeito o que significou a reforma da Constituição espanhola que o PSOE e o PP aceitaram em setembro de 2011: não podemos esquecer que tal reforma colocava em manifesta prioridade os interesses das grandes corporações, e dos grandes bancos, em detrimento dos investimentos em educação ou sanidade.

Para além de tudo o anterior, é preciso salientar que dificilmente uma instância, a UE, que é o produto duma aliança entre Estados poderia estar interessada na defesa dos supostos direitos da gente de abaixo. Cada vez é mais evidente que o Estado não é uma instituição protetora, senão um aparelho ao serviço, como a própria UE, da classe dominante. Nessas circunstâncias, não temos outro caminho emancipador que o que invita a construir, desde a base, desde a autogestão e a desmercadorização, um mundo novo. Esperar que projetos desta natureza cheguem das instituições comunitárias é, de novo, duma extrema ingenuidade.

> O Estado não é uma instituição protetora

> Há que lembrar as misérias da pseudodemocracia

> Participar nas eleiçons europeias é aceitar umha farsa

Há democracia na UE?

Se não há democracia nos Estados membros, como haveria de existir numa entidade hiperburocratizada e hipertecnocratizada como é a União Europeia? Alguém disse há anos que as atribuições do parlamento da UE são menores do que as que correspondiam ao parlamento de Marrocos na época de Hassam II. E alguém agregou que se a União demandasse a sua incorporação à pròpria União, a sua candidatura seria imediatamente rejeitada por falta de rigor democrático.

Mas uma vez é preciso lembrar as misérias da pseudodemocracia liberal e dos seus jogos: ergue-se num cenário marcado por radicais desigualdades e pretende essencialmente fortalecer estas, bebe de artificiais mecanismos que permitem estabelecer maiorias fictícias e impulsos verticalíssimos, responde mimeticamente aos interesses de poderosas corporações económico-financeiras, que são as que ditam a maioria das regras e, enfim, quando as cousas vão mal, não duvida em fazer uso da força através de mecanismos vários, como o testemunham a repressão presente nas nossas ruas e uma cheia de intervenções nos países do sul.

Com semelhante panorama, participar nas eleições mal chamadas europeias é aceitar uma genuína farsa, tanto mais se semelhante aceitação se desenvolve em declarado proveito dos interesses das classes populares.

DITO E FEITO

"Nas sociedades tradicionais o trabalho comunitário era algo natural"

CONVERSA COM A ORGANIZAÇOM DA 'III FEIRA DE ECONOMIA SOCIAL'

"A crise provocou que muita mais gente se interesse pola economia social"

O.R. / Que tenhem em comum umha cooperativa de consumo, um projeto de transporte ecológico e umha iniciativa de construçom social do hábitat? Pois que nelas o que importam nom som os tomates, as bicicletas nem as casas, se nom quem as fai e como. Som três exemplos de projetos de economia social, três dos muitos que se darám cita o próximo 31 de maio na corunhesa praça de Ponte Vedra. Para saber um pouco mais desta III Feira de Economia Social e de todo o que arrodea este pioneiro fenómeno na Galiza achegamo-nos ao local de Intermon Oxfam, onde terá lugar umha das reunions para organizar o evento. Recebem-nos com um sorriso e muitas ideias Rubén Constenla (Proxecto Integral Corunha e Aurora de Buxán), Helena Martínez (Proxecto Integral Corunha), Marcial Blanco Castelos (Zocamiñoca), Xiao Varela (Hábitat Social), Maika Beltrán Moreiras (Intermón Oxfam), Marta Boubeta Resille (Intermón Óxfam), Marta Rey Iglesias (Aurora de Buxán) e Moncho Vázquez (Velo aí vai).

Ides já pola terceira ediçom, e aqui há gente que leva na organizaçom da Feira os três anos. Contade-nos, como xurde a ideia de criar este espaço de encontro?

M.B.M.: Num princípio várias ONGs celebravamos o Dia do Comércio Justo. Há dous anos Intermon estava com umha campanha onde se falava dos pequenos agricultores, e pensámos em promover umha reflexom sobre essa problemática aqui, sabendo que havia cooperativas como a Zocaminhoca que trabalhavam isso mesmo. O primeiro ano fomos nove organizaçons e produtores, e na ediçom passada já chegamos a 21.

M.B.C.: Sim, apartir de entom o nosso objectivo com a Feira é que a gente se familiarize com o conceito de economia social. Aliás, este ano várias organizaçons estamos tentando levar adiante o Mercado Social Galego, que ainda nom se pujo em andamento, mas a ideia está lançada. Tem muita relaçom com este processo que iniciamos na Feira.

> "Com o capitalismo nom nos preocupamos polo que há por trás dos produtos"

X.V.: De facto esse foi um dos motivos polos que decidimos apresentar o Mercado Social Galego na Corunha; aqui confluem muitas sinergias nesse sentido. O de economia social nom é um conceito complexo, mas nom está estendido, polo que esta Feira é toda umha oportunidade para difundir. Por isso escolhemos a Praça de Ponte Vedra, um local mais arriscado mas com muito fluxo, que nos permita chegar a toda essa gente que ainda nom está conscientizada.

Que nos podedes adiantar do programa deste ano?

H.M.: Ainda que nom sabemos as iniciativas concretas que virám, tentaremos que sejam das mais diversas entidades e empresas que encaixem no conceito de economia social, de cooperativas de energia, até produtoras agroecológicas ou plataformas. Haverá também concertos paralelos, artes cénicas, e conversas. Esta última é umha parte muito importante, porque nom só queremos que se vejam as inciativas concretas, senom também refletir colectivamente sobre a economia social.

Qual foi a vossa percepçom na passada ediçom? Credes que a gente que passava por ali captava o conceito da economia social ou via simplesmente um mercadinho?

R.C.: Os produtos que se vendem som um reclamo, mas outros postos como o da Saca de Favores, o mercado de trocado, ou as próprias conversas fam com que quase todo o mundo que passou por ali se desse conta de que este nom era um mercadinho ao uso. Eu estivem no posto da Saca, por exemplo, e detetamos muito interesse por parte da gente.

A economia social é para vós um conceito novo ou umha reformulaçom de velhas formas de organizaçom?

H.M.: Tem muito a ver com a tradiçom! Para atopar fórmulas de organizaçom comunitária na Galiza há que se remontar muito pouco. Quigemos recuperar a própria ideia da "feira" por isso mesmo, remitindo-nos a esses espaços de encontro e socializaçom tradicionais. Malia todo, hoje temos necessidades novas, como as energéticas, polo que o interessante é que essas ferramentas se adaptam às novas realidades.

M.B.C.: Claro, realmente o tema da economia social nom é nada novo: nas sociedades tradicionais havia reparto equitativo, colaboraçom, trabalho comunitário… Mas nom se lhe dava valor em si próprio, era algo natural. Com o crescimento do capitalismo esse valor que tinham os projetos por trás vai desaparecendo: o mercado só apresenta o produto. Se gostas dele e do preço, para que saber como está feito? Há que fazer que a gente se interesse por esse processo: de onde vem o produto, quem o fixo, como, e que consequências tem. Se calhar eu estou em paro para que esse produto esteja ai. É importante que os pequenos projetos saibam comunicar à sociedade este valor.

A pouco que te achegues à Corunha chama a atençom a efervescência que existe nos movimentos sociais da cidade, sobretodo nos relacionados com o consumo responsável e a própria economia social. Que explicaçom lhe vedes a isto?

M.B.C.: Bom, todos os movimentos estám mais misturados na Corunha, e até que estás dentro da cidade nom estás consciente de todo o que há. As visons que se tenhem de fora nunca som acertadas! É certo que nos últimos dez anos houvo umha evoluiçom interessante a nível social, e com esta uniom da Feira vê-se umha clara tendência a que os projetos perdurem.

H.M.: Eu penso que é um momento de movimento em muitos lugares. Quiçá aqui calhou um pouco mais, porque somos umha cidade de bairros. Há toda umha rede que nom se vê, um pouco inativa desde os movimentos antiglobalizaçom, mas que está ai. E logo está a imigraçom, que aumentou muito nos últimos anos e fijo com que muitas organizaçons se reciclassem e a cidade se abrisse. Em Compostela, por exemplo, a populaçom é mais flutuante, e os movimentos estám mais associados ao ámbito estudantil, que é um movimento sem memória.

Estas iniciativas que giram arredor da economia social estám colhendo muito peso nos últimos anos. Credes que a crise influe neste processo ou é umha evoluiçom natural que se teria dado igualmente?

R.C.: Eu penso que o contexto de crise converteu a Feira e outros projectos semelhantes em mais atrativos, porque muita gente se dá conta de que nom todo é como nos diziam que era. A destruiçom do trabalho de aqui fai com que a gente se questione mais cousas, e agora resulta mais fácil fazer calhar esta mensagem do que antes.

M.B.C.: Estes eram movimentos que já nasceram antes da crise, mas é certo que esta cojuntura proporciona muita gente que doutro jeito nom participaria. Nota-se sobretodo a nível produtivo, com a proliferaçom de pequenos projetos pessoais que nascem muitas vezes quando umha pessoa a despidem do trabalho.

X.V.: Só nos fica umha dúvida: que passaria se voltassemos à situaçom pre-existente? Coincido com Rubén em que à gente isto lhe abre os olhos, mas nom sei se por conviçom ou por necessidade. De todos os jeitos, há motivos para ser optimista: cada vez mais pessoas miram com olhos críticos.

MEDIA

De esquerda a direita: Zélia Garcia (Galiza Contrainfo), María Pampín (Galiza Ano Zero) e Nanina Santos (Andaina), durante a entrega dos Prémios Luceira / FOTO: L.D.R.

Ativismo informativo para marcar agendas próprias

'GALIZACONTRAINFO', 'GALIZA ANO CERO' E REVISTA 'ANDAINA' GANHAM PRÉMIOS LUCEIRA

Som várias as iniciativas que alicerçadas no ativismo procuram rachar os muros de silêncio impostos polo mercado da comunicaçom de massas. Neste mês de Maio a convocatória do I Prémio de Comunicaçom Social Luceira pujo o foco sobre estas luitas reconhecendo especialmente o labor de 'GalizaContrainfo', 'GalizaAnoCero' e a revista de pensamento feminista 'Andaina': umha série de projetos cuja existência demonstra que a informaçom é muito mais do que umha exposiçom de relatórios institucionais ou umha reproduçom de ideologias.

A.L. / Os prémios de comunicaçom Luceira nascêrom por iniciativa da Coordenadora Galega de ONG's para o Desenvolvimento, a Rede Galega Contra a Pobreza, o Comité de Entidades Representantes de Pessoas com Discapacidade de Galiza (Cermi-Galicia), a Associaçom Galega de Reporteiros Solidários (Agareso) e a Assembleia de Cooperaçom pola Paz. Estes coletivos procuravam reconhecer o trabalho de projetos comunicativos "que estám a dar cobertura às temáticas do plano social baixo umha focagem de qualidade, análise, reflexom e participaçom da sociedade". Entre as candidaturas encontravam-se rádios livres e comunitárias como a *Kalimera* de Compostela, blogues como o da Oficina de Direitos Sociais de Coia de Vigo ou as seçons de temáticas sociais de meios como *Praza Pública*, *Sermos Galiza* ou *Tempos Novos*. Finalmente, trás umha votaçom aberta por internet, fôrom *GalizaContrainfo*, *Galiza Ano Cero* e a revista *Andaina* as que se figérom com o prémio nesta primeira ediçom.

Criar agendas próprias

A mais votada foi *GalizaContrainfo*, umha iniciativa audiovisual que se define como umha iniciativa independente, nom comercial e auto-gerida. Na mesa redonda celebrada durante a entrega dos prémios, Zélia Garcia, ativista deste coletivo, salientou a necessidade de criar umha agenda autónoma, dar voz às pessoas que se vem excluídas nos meios convencionais e salientou que "todas somos emisoras válidas".

Os trabalhos audiovisuais de *GalizaContrainfo* contam com licenças Creative Commons Reconhecimento-Nom Comercial-Partilhar Igual. Porém, Zélia Garcia expujo casos em que os meios convencionais incumprírom com esta licença. Assim, o magazine informativo VíaV, de *Vtelevisión*, teria utilizado imagens deste coletivo sobre as Marchas da Dignidade em Madrid, e também o programa 'Más vale tarde' de *LaSexta*, onde se empregaram imagens de *GalizaContrainfo* dumha homenagem popular a Pepita Seoane para ilustrar o discurso criminador que os meios convencionais estám a desenvolver contra esta mulher da Corunha.

GalizaContrainfo também conhece a repressom que o Estado exerce contra os movimentos sociais e Zélia lembrou a campanha de crowfunding que tiveram que encetar para fazer frente a um total de 1000 euros em multas por exercer a sua atividade. "Nós nom vamos às mobilizaçons a tirar umha foto e marchar", explicou Zélia, "permanecemos e mesmo nos convertemos em parte da mobilizaçom".

Abaixo e à esquerda

A televisom on-line *Galiza Ano Cero* nasceu na cidade da Corunha há mais dum ano baixo o lema 'Abaixo e à esquerda'. Maria Pampim, quem colabora com esta experiência desde o seu começo, explicou que a iniciativa procura ser o megafone das vozes que se situam fora dos meios convencionais. Assim,

> GalizaContrainfo: "Todas somos emisoras válidas"

Galiza Ano Cero tem gravado debates onde se falava de temáticas como a desobediência, a pobreza ou o aborto, e entrevistado personagens como Diego Cañamero, Helena Miguélez ou Santiago Alba Rico. Com esta atividade *Galiza Ano Cero* procura "criar debates nas esquerdas e também tecido transformador", assinalou Pampim.

30 anos de trajetória

A revista de pensamento feminista *Andaina* leva mais de 30 anos de trajetória, sendo 1983 quando se publicou o seu número 0. Umha das suas redatoras, Nanina Santos, indicou durante a mesa redonda o que considerava os três deste projeto: a consolidaçom dum núcleo ativo e crítico, a permanência dumha publicaçom em galego que deixou constância da pegada dos feminismos na sociedade e o que supom *Andaina* como demonstraçom da capacidade para a criaçom e a investigaçom rigorosa desde o feminismo. Santos salientou a importância dos projetos comunicativos nascidos de abaixo "onde a presença das mulheres tem mais possibilidades" do que nuns meios empresariais ainda com umha marcada presença varonil.

NOTAS DE RODAPÉ

Opiniom privada baixo vigilância

Acontece o terror dentro dos militantes do anti-terrorismo e das leis de exceçom enquanto o Ministro encarregado de combater o terror ameaça os que tenhem a ousadia de comentar com surpresa tam grande contra-sentido.

Promete o ministro Fernandez Diaz investigar as opinions privadas a conta do crime de Leom, mas nom explica se as medidas atingirám barras dos bares, conversas telefónicas ou diálogos digitais.

Os governos estám para prever atentados coma o de Leom. O Ministro recorda com a sua intemperança ao actor de teatro que esquece o seu papel e insulta o público que rompe o silêncio da sala.

A ameaça do Ministro é contra a opiniom privada, nom contra a pública. É notável que a rede de diários impressos mais a radio e a televisom, os protagonistas privilegiados da formaçom de opiniom, coincidissem plenamente coa versom do gabinete de Rajoy.

A vingança como móbil do assassinato foi a tese oficial e nom contrastada que nem um só meio distanciou com a preceptiva identificaçom de fontes.

Sobranceia o argumento da extrema vulnerabilidade das mulheres e dos homes com representaçom pública e nalgum caso critica-se expressamente o feito de ter desaparecido as escoltas. "El caso siguiente de ir a casa de los políticos, es dispararles (sic)", comenta o El Mundo em clara alusom aos escrachos.

Reclamaçom de censura, reposiçom generalizada de guarda-costas e construçom de novos valados entre aforados e povo. Um discurso de abraiante modernidade e coerência.

Numha campanha na que o mais visível é a ressurgência politica de Cánovas e Sagasta e um golpe centralista contra as nacionalidades, decretam ignorar que a tragédia sucede no anel de plena confiança do governo de Rajoy.

CULTURA

CONVERSA COM RAFAEL QUINTÍA, MEMBRO DA SOCIEDADE ANTROPOLÓGICA GALEGA

“Nom se pode desprezar a medicina tradicional riscando-a de superstiçom, pois é conhecimento acumulado por séculos que ainda hoje é útil”

RUBÉN MELIDE / Rafael Quintía Pereira (Vigo, 1971) é antropólogo, escritor e músico tradicional. É um dos membros fundadores da Sociedade Antropológica Galega (SAGA), associaçom que realiza trabalho de investigaçom e difusom. Escreveu, entre outras, obras como *Deuses, Mitos e Ritos do Monte do Seixo. Unha proposta interpretativa en clave céltica* ou *A Nosa señora da Lanzada. Antropología de un santuario costero.* Recentemente vem de apresentar *Alicornio. O poder do corno de unicornio na medicina tradicional galega*, obra editada pola SAGA arredor da qual mantemos umha animada conversa.

O que é o alicórnio? Em que consistem os rituais em que está presente este objeto?
Existem amuletos que som protetores contra o mal e outros que protegem o lar, a riqueza ou a boa sorte. O alicórnio é um amuleto empregue para curar, possivelmente um dos mais potentes que há na Galiza. Viria a ser o corno do unicórnio, embora fossem empregues como tais cornos de diferentes animais, mesmo vacalouras, com as que fôrom feitos ‘anéis de alicórnio’. Mesmo hoje em dia existe umha joalharia em Lugo que fai estes anéis. O alicórnio é empregue especialmente para combater as doenças provocadas por animais *peçonhentos,* como as serpes, para eczemas ou problemas da pele tais como a psoriase ou a urticária. A ritualidade associada a este objeto é muito variada, e vai do mais singelo –pegar no corno e passá-lo pola ferida- a práticas mais elaboradas. O habitual é o emprego combinado com água, fazendo a chamada ‘água de alicórnio’. Costumam-se fazer círculos ou cruzes, normalmente três, sete ou nove vezes. Às vezes recitam-se ensalmos, e mesmo há lugares onde a água de alicórnio e bebida ou o objeto é fumado com rama de alho. Também conhecemos casos em que o cura do lugar abençoa o objeto.

O mito do unicórnio parece estar espalhado por boa parte do mundo. Sabemos algo da chegada ao país da crença neste animal e no seu corno mágico?
Esta crença está documentada na América, África, Ásia e Europa. As referências mais antigas procedem dos séculos IV e III a.n.e., e viriam do que hoje é a Índia ou o Paquistám. Também Plínio nos fala do unicórnio e do seu corno. Na Idade Média, os comerciantes e missionários europeus voltavam com relatos acerca dele. A imagem do unicórnio nom foi a mesma durante todo o tempo, indo do majestoso cavalo medieval ao ser com aspeto de cabuja do Renascimento. Quando a Bíblia foi traduzida do hebreu para o grego, existia no livro um animal chamado *ren* que nom tinha umha palavra grega para ser traduzido. O tabernáculo em que o povo israelita guardou a arca da aliança durante o êxodo estaria feita de pele de *ren*. Perante a ausência da palavra grega, o *ren* passou a ser o *monoceros*, isto é, o unicórnio. Assim, passou ao mundo ocidental como mais um animal da Bíblia, aparecendo depois nos bestiários. O unicórnio foi identificado com Cristo pola sua pureza. No Románico temos algumha igreja decorada com unicórnios, por exemplo em Ponte Vedra ou Betanços. Depois, como recurso curativo, o alicórnio passou das elites às classes populares.

Existem na Galiza objetos que som tidos por alicórnios? Qual seria a sua procedência verdadeira?
No meu trabalho cingim-me bastante às paróquias do concelho de Ponte Vedra, onde encontrei mais dumha trintena destes objetos. Também dei com alguns outros em diversas partes do país e em zonas culturalmente afins, como o norte de Portugal e o ocidente asturiano. A fisionomia dos distintos alicórnios é muito variável: a maior parte deles som cornos de cervo, corço ou cabra, havendo algum de animais nom identificados. O que se perdeu um pouco foi a noçom de o corno ser de unicórnio, a referência do ser mítico, mas sim que existe a consciência de pertencer a um animal especial e vindo de longe que purifica as águas. Também se fala em baleias, numha clara referência ao narval. Eu pessoalmente conheço

muito bem um alicórnio, conservado pola minha avoa, que pode ter mais de duzentos anos e consiste num corno longo, liso e escuro. Na Galiza nom localizei nengum similar, mas sim tenho notícia de um parecido que havia na paróquia de Tomeça. É curioso, porque este formato coincide com as primeiras descriçons que se faziam do corno do unicórnio, lá polos séculos II e I a.n.e., que contrastam com o corno branco e espiralado do medioevo.

No teu livro assinalas que entre as intençons da obra nom está fazer umha avaliaçom racional das verdadeiras propriedades do corno. Porém, pensas que realmente curava as doenças?

Trataria-se dumha *cura por fé* ou *efeito placebo*?
O meu trabalho é meramente antropológico. Isto quer dizer que as causas científicas das curaçons nom som o meu objeto de estudo. Porém, eu fago diferença entre *curar* e *funcionar*. E funcionar funciona, que a gente nom é parva. Quando nom cura, a gente tem as suas respostas, como que nom se trata de umha doença para tratar com o alicórnio. No entanto, tenho ouvido muitos testemunhos, mesmo de gente que nom acreditava nestas cousas, que che di que cura. Mesmo algum médico bem conhecido, depois de recorrer a várias alternativas da medicina oficial, empregou o alicórnio para arranjar o problema. Ora bem, por que cura? Aqui há várias opçons: de umha banda, sabemos que o corno de cervo foi empregue na farmacopeia tradicional polas suas propriedades até datas bem recentes. Mesmo hoje em dia som vendidos complexos vitamínicos que o contenhem e continua a ser utilizado na medicina oriental. De outra banda, temos o factor psicossomático: sabemos por exemplo que muitos problemas da pele, como eczemas ou dermatites, som causados por questons desse tipo.

O alicórnio ainda é empregue no país? Trouxo consigo a modernizaçom umha espécie de estigma ou vergonha a respeito da medicina tradicional?
Continua a ser empregue, embora muito menos. De facto muitos deles estám a desaparecer, bem porque morre a gente maior que os custodiava, bem porque os descendentes o deitam no lixo por desconhecimento. Cumpre termos em conta que os alicórnios nom eram património dumha elite, senom que estavam nas casas de famílias normais que os possuíam. Ao serem frequentemente emprestados, sempre havia algumha gente que nom os devolvia ou que ficava com um anaco. Porém, o verdadeiro problema foi a desapariçom do mundo rural e de todos os aspetos culturais que o envolvem. Umha consequência disto é que cada vez haja menos gente que recorre aos saberes tradicionais. Dito isto, ainda há lugares onde a gente continua a empregar o alicórnio. A medicina tradicional atualmente está num plano completamente secundário a respeito da oficial. Obviamente, dentro dela há de tudo, mas nom se pode descartar toda riscando-a de superstiçom, porque contém saberes úteis e práticos acumulados durante séculos e que realmente curam e funcionam.

O POVO QUE CANTA... CAP. 2: PAIXOM POLO RUÍDO

NAO: "A liçom mais formosa de 'Cartas no caderno' é reivindicarmos a colaboraçom frente à competência"

LEUCO FEIJÓO /Acabam de completar-se vinte anos do nascimento do Rock Bravu. Este movimento musical, social e criativo, também conhecido como «punk rural» ou «rock sem capar», aglutinou dezenas de grupos, revolucionando a cena musical do país sob umha mesma filosofia: a defesa das nossas raízes, a projeçom do mundo rural e o emprego da língua galega. Todo isto, acompanhado de umha linha de voz crítica e irónica a respeito do mundo que os rodeava. Houvo quem deixou plasmada a definiçom do Bravu numha frase: «Terra, Língua e Rock 'n Roll».

A dia de hoje, vinte invernos mais tarde, os grandes meios recalcam-nos constantemente que somos potência em música folk e tradicional (e somos), mas o que se passa com o rock? Nom há conjuntos com suficiente qualidade? Por que continuamos sem amadurecer e nom se valorizam justamente nos nossos músicos, nom se aposta neles? Se calhar, nunca interessou um movimento forte de *rock* na nossa língua...

As origens do rock em galego

> Somos umha barca que vai a lombos da gente

(com licença do Andrés do Barro) surgiam em grupos como N.H.U. ou Goma-2, que já cantavam integralmente em galego na época pré-bravu, mas foi no decénio de noventa quando se produz a eclosom definitiva, com conjuntos que já fam parte da nossa história, como Os Diplomáticos, Rastreros, Skornabois, Túzaros, Xenreira e umha longuíssima listagem de nomes.

Na época atual, da qual seria impossível fazer um resumo em apenas um artigo, a diversidade de grupos e a riqueza de estilos que temos é mesmo extraordinária. Hoje em dia nom é notícia que um grupo cante em galego, felizmente.

Para pormos um exemplo, entre as dezenas de grupos atuais, achegamo-nos à banda de rock-metal *Nao*. O grupo da Estrada continua a superar-se, e já definitivamente consolidados, acabam de editar *Cartas no caderno* através da descarga gratuita na internet, com mais de 1000 descargas no dia do seu lançamento.

Qué é *Nao?*
Nao é um sonho. Um projeto que aglutina a energia de quatro pessoas na sinergia de uns centos de rapazes e raparigas que tornam possível que umha banda que fai rock e o fai em galego tenha a repercussom que tem Nao. Costumamos estabelecer o paralelismo com umha barca que vai a lombos da gente. Esta é a nossa viagem. Éste é o nosso sonho realizado.

Como analisades o novo trabalho *Cartas no caderno?*
Cartas no caderno é um caderno de bitácula, umha viagem no espaço e no tempo. Nele pugemos quatro versons de bandas do mais diverso e buscámos a colaboraçom também de diversos músicos. Todo feito dentro do respeito e da admiraçom para com eles e elas. Essas versons

> A música galega sobrevive com esforço desumano e altruísta

som 'Acción galega', de Xenreira, na qual colaborou o enorme Mini, Álex de Eina e Jony e Fonta de Kaótiko; 'Je Veux', da artista francesa Zaz, cantada pola Pauliña Chaves e tocada pola Liga Gaiteira Galega; 'Os Vampiros', do Zeca Afonso, com a trombeta de Manu Payno e cantada por Sígaro e Picchio da Banda Bassotti, e por último, 'Como o vento', dos portugueses Sétima Legião, com as vozes do Josito Pereiro e do Xurxo Souto. Também quigemos pôr um tema nosso pensando na gente. É um disco intermediário, feito entre discos, no qual quigemos experimentar a nível criativo e aprender de nós próprios e dos demais. A liçom mais formosa deste disco é reivindicarmos a colaboraçom frente à competência.

Como vedes o atual panorama musical na Galiza?
Inexistente! A música galega sobrevive unicamente polo esforço desumano e altruísta das e dos músicos e polo público. Nom há estrutura logística de nengum tipo, nem produtoras especializadas, nem umha rede de salas... Os festivais que programan só bandas galegas contam-se com os dedos de umha mao, e o resto empregam as bandas galegas como recheio. Mentalidade de colonizados para seguir colonizando!

Planos de futuro?
Estamos em plena promoçom deste álbum, mas, contodo, nom temos pensado fazer umha digressom com muitas datas (com *Cancións de amor e liberdade* quase non parámos). Faremos datas escolhidas e começaremos a compor temas no fim do ano. Por agora queremos desfrutar com muita calma deste disco e da boa repercussom que está a ter.

Leuco Feijóo é integrante do coletivo *GalizaMúsica*

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
O Forno · Ginzo de Límia

Arredista
Rodas, 25 · Compostela

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Aturujo
Principal · Boiro

Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

Casa do Sar
Curros Enríquez · Compostela

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSOA Escárnio e Maldizer
Algália de Riba · Compostela

CSO A Kasa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d´Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Distrito 09
Coia · Vigo

Ateneu Libertário A Engranaxe
Rio Sil · Lugo

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

O Fuscalho
Frente à Atalaia · Guarda

A Ghavilla
Ponte da Raínha · Compostela

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

Liceo Murante
Rosalia de Castro · Ponte Vedra

CS Lume!
Rouxinol nº16 · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

CS En Pé
Zona velha · Ponte Vedra

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revolta do Berbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narom

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CS Xebra
Leandro Curcuny · Burela

CSO Xuntas
Rua do Carme · Vigo

CS A Zalenvá
R. Carris, Valença · Barbadás

GALICIA, CON BOA LETRA

17 DE MAIO

DÍA DAS LETRAS GALEGAS

DEDICADO AO POETA XOSÉ MARÍA DÍAZ CASTRO

galicia
o bo camiño

XUNTA DE GALICIA
galicia.es

DESPORTOS

O ESTRELA VERMELHA CAMPIOM DA LIGA

A equipa compostelana Estrela Vermelha venceu primeira Liga Galega de Futebol Gaélico, onze contra onze, depois de vencer todos os jogos do campeonato. Ainda, o Estrela ficou subcampeom na sua primeira participaçom no Torneio Ibérico celebrado na Corunha.

CABO DA CRUZ FAZ HISTÓRIA

O Clube de Remo Cabo de Cruz conseguiu por primeira vez a medalha de ouro na categoria sénior masculina do campeonato estatal de bateis, celebrado em Camargo. Demonstrárom que contam cumha canteira de alto nível: pratas em cadetes masculinos e júnior feminina.

Liga Gallaecia de futebol gaélico, mais emocionante do que nunca

A.R.N. / No passado 27 de abril, a cidade da Corunha acolheu a oitava jornada da Liga Gallecia. Os campos da Torre fôrom o cenário de mais um novo desafio entre as equipas de futebol gaélico misto. Nesta jornada, as Afiadoras de Ourense descansavam e cedêrom o lugar aos confrontos entre Suévia de Compostela e Torques de Lugo e as locais Cascarilha contra Ambílokwoi de Vigo.

Polas 17h00 começou o primeiro jogo entre Compostela e Lugo, numha tarde espetacular, com sol radiante e também fortes rajadas de vento que determinárom o desafio. Nos primeiros trinta minutos de jogo, Suévia, com o vento a favor, levou a iniciativa. As de Compostela figéromn umha aposta decidida no ataque e dominárom o marcador, mas, na segunda metade, seriam as de Lugo que contárom com o vento favorável e Suévia viu paulatinamente reduzida a sua vantagem. Os Torques conseguírom equilibrar o marcador, mas num vibrante final, no derradeiro minuto de jogo, Suévia conseguiu materializar um último tento que seria determinante para desequilibrar a balança a favor da equipa da capital da Galiza. Assim, o marcador final foi Suévia: 1-12 (15) – Torques 3-5 (14).

Ao primeiro jogo da tarde seguiu o encontro entre a equipa anfitrioa, a Cascarilha e Ambílokwoi. A equipa corunhesa, com o apoio de umha nutrida e entregada claque procurava demonstrar a sua boa progressom física e técnica com a primeira vitória na Liga. Entretanto, a equipa viguesa, após a vitória compostelana, precisava de ganhar o encontro para continuar a ter opçons de atingir o título da Liga.

Também seria o vento o grande protagonista deste jogo. Com ele a favor e o apoio incondicional d@s siareir@s das bancadas, Cascarilha lançou-se com toda a energia, mas enfrente tinham umha ferrenha defesa e um excelente guarda-redes viguês que parárom as acometidas corunhesas. Ambílokwoi só concedeu dous tentos na primeira metade e aproveitou as suas ocasions em ataque para fazer dez tentos. Nos seguintes trinta minutos, a equipa de Vigo saiu decidida a decidir o encontro, e nom deixárom de atacar a baliza corunhesa.

O marcador final foi Cascarilha 2-3 (6) – Ambílokwoi 10-11 (41).

Após a conclusom do segundo encontro do dia, as quatro equipas participantes deixárom à margem a sua rivalidade desportiva e partilhárom juntas o «terceiro tempo». Foi realizado no Centro Social Gomes Gaioso, onde a equipa local, a Cascarilha, preparou um magnífico sarau-convívio com música, petiscos e bebida para as jogadoras e adeptas.

Quando restam duas jornadas para o fim da Liga Gallaecia, Suévia é a equipa líder com 11 pontos; Ambílokwoi tem 9; Torques, 8; Afiadoras, 4, e Cascarilha, 0 pontos. A emoçom está servida, porque as equipas de Vigo e Lugo tenhem menos um jogo, o que as torna candidatas ao triunfo final. A Liga nom está decidida, mas é certo que com o triunfo desta jornada, Suévia só depende de si própria para levantar a taça de vencedora.

A IX jornada da Liga Gallaecia terá lugar em Compostela, no 17 de maio, Dia das Letras Galegas, e lá veremos os encontros entre Suévia-Afiadoras e Ambílokwoi-Torques, que podem ser decisivos para dirimir qual a equipa campeoa desta vibrante Liga Gallaecia.

Chega o Play Off Nacional 2014, a febre que converte seres normais em psicopatas retorna à mítica terra batida de Conjo!

OVARAL-MEDIA / Depois do exílio em Marroços fruto da injúria e corrupçom emanada do concelho de Compostela com quase toda a equipa de governo imputada que nos proibiu fai dous anos realizar o Play Off Nacional da LNB no já mítico espaço do campo de terra de Conjo onde desde o início dos tempos se vinha disputando por mor dum suposto troco de superfície que ia converter o que antes era grava em erva sintética, obra que naturalmente nunca se chegou a realizar. É por isso que a grande serpe multicor da LNB a lombos do espectacular Macho do Play Off Nacional 2014, impactante imagem desenhada por esse franco-atirador de imagens chamado Nachok, volta sobre as suas pegadas e retorna a Conjo para o domingo 25 de maio cuspir na cara à troika desportiva, política, judicial e económica celebrando unha nova ediçom da grande moinhada da LNB.

Idioma e desporto meu, homilde,
nidio, popular,
labriego, suburbial e mariñeiro
¡Ti tés que rexurdir puro,
poderoso, enteiro
pra erguer noso futuro
de povo ausoluto e verdadeiro...

Bilharda Sempre, Adiante
com o Play Off Nacional 2014!!

TEMPOS LIVRES

GASTRONOMIA

“Salivam movere”

LUZIA ÁLVARES / O impossível de comer e cantar a um tempo e a mao cheia de músicas que temos sobre paparocas. Sim, por que o jeito de comer faz parte da cultura popular de igual modo que a música, as danças, a poesia; e tudo forma um tecido artístico inseparável. Imagino agora o som duma copla sobre pêras que vêm de Portugal, laranjinhas para ter a boca doce, ameixas e uvas. Uma mulher virá com umha bica na cabeça.

Um caneco de cerveja levita sobre o companheiro de aulas que canta aquela de que tinhas muita razão e não che fizera caso. A essas horas, no bar *indepe* boura uma electro-cumbia com sabor a churrasco.

Para aquela menina de sete anos, Betanços era a vila do repolo. Supunha também que as ervilhas e as cebolas se haviam de dar bem também naquele lugar que não podia localizar geograficamente.

Passa, de janelas baixadas e ferro a fundo, um R-5 copa turbo e Jurjo Souto canta histórias de calhos refrigerados, empadas e parrochas.

Uma ode às filhoas sente-se lá pela beira de Muros e o apresentador careca lambe o chocolate dum pucheiro cada sexta-feira à noite.

Penso agora num banquete medieval ou nos presidentes mortos que enchiam *meetings* e bandulhos nas aldeias do país. Não noto mais diferença que a dos gordos de dentro e os fracos de fora. Escuto e detesto a voz de Joam Pardo.

Sem tripadvisor, no século XI já havia quem se queixava dos malignos taberneiros compostelanos. Dar vinho por sidra e carne de três dias recorda-me a algum restaurante de gato por lebre, ou polvo por choupa. Sorrio. “Go home or Respect the Galician moinantes”.

Também não mudou tanto a coisa desde que o Frei Iácome de Permuy visitou o país lá por mil quatrocentos e tal. Já daquela espoliavam o nosso '*deste porto saem para Castela uma grande quantidade de pescadas e congros secos e afumados, ostras em escabeche e peixe salgado*'. Espanha, Espanha, bandeira, bandeira.

Entre os manjares há músicas tristes, músicas lindas, músicas

GONZALO ALLEGUE / ‘GALICIA. O OFICIO DE VIVIR’

cheias de raiva e dor. Eu advogo firmemente por um coro de cordas vocais que abouje o mundo com cantos goliardescos. Por que as galegas 'In taberna quando sumus' arranjamos o mundo.

Desta volta, soavam gaitas, pandeiros e bombos portugueses. Um Maio enfeitado com laranjas e bugalhos corria rua acima, rua abaixo. O mês está cheio de som e comida.

Nalgum século antes de Cristo alguém trocava ovos no equinócio de primavera. Mais um ritual despaganizado pelo cristianismo. Hoje há regueifas para as afilhadas. O caso é a ressurreição mas agora nem cantam sinos nem passarinhos. '*Arretêz la musique*'. Em nós está prender de novo o toca-discos.

Uma melodia de tripas entoam em galego: arroz com chícharos, patacas novas. O avô frita bistécoles e a mulher de Rianjo trabalha de noite com a luz da lua. Trai sardinha e bocarte e chicharro pequeno.

Assim que '*sursum corda*' e quem tenha vinho que nos ceda uma miga por que a memória colectiva é imortal. Não há de faltar um ventre com fome de árias, nem celebração sem caldo, nem reivindicação sem coro.

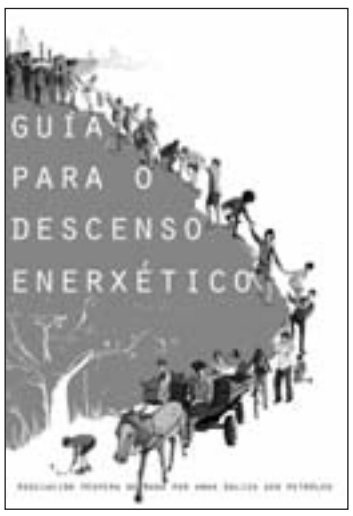
ENTRELINHAS

A GALIZA PÓS-PETRÓLEO COMO UTOPIA

CARLOS C. VARELA / Diz o mito que na Galiza pecamos de teoricismo, e pode ser, mas a verdade é que a maioria de nós teríamos dificultades para citar umha grande obra teórica de conjunto posterior a *O atraso económico de Galicia* (1972). Neste sentido, a *Guía para o descenso enerxético* (veja-se entrevista no NGZ nº 132), camuflada de manual prático, seguramente seja o livro sobre transformaçom social mais ambicioso dos últimos tempos.

Também fala esse mito dumha viçosa literatura galega e dum desborde de imaginaçom. Porém, mui pouco se tenhem adentrado as nossas letras no terreno da utopia política, na necessária tarefa de fornecer recursos para a imaginaçom política e na ampliaçom do espaço do possível: em todo caso, trabalhou na manutençom e vigilância das suas fronteiras. É bem significativo, por exemplo, que o único romance que se atreve a imaginar umha República Galega -*Luces de Fisterra (2005)*, de Carlos Mella- seja em chave de desastre: umha independência mui ao pesar do “povo”, e um Manuel Fraga de Presidente vitalício... Isto é, o “tenhem que proteger-nos de nós mesmos”, as prosas da contrainsurgência das que fala Ranajit Guha. A nossa literatura escreveu mais para mudar o passado do que para o futuro. Eis o género da política-ficçom, como lhe chama Pura Vázquez, e a constante sublimaçom da impotência política através da épica lírica.

Por todo isto, “Un día calquera na Galiza de dous mil e vinte e algo”, resulta um humilde e anónimo grande passinho adiante. Este relato, inserido na *Guía para o descenso enerxético,* fala de cen-



tros sociais autogeridos que okupam parques urbanos para cultivar hortaliças; concelhos abertos no rural sob a filosofia zapatista do “mandar obedecendo”; enfrentamentos com a Superdeputaçom; redes de componhedoras e bibliotecas paroquiais; cooperativas maocomunadas de produçom de mel e porco celta; duches solares; caça e recoleçom pós-industrial... Ingredientes que, junto com as magníficas ilustraçons de Antía Barba Mariño, abrem um interessantíssimo caminho para imaginarmos a Galiza livre do amanhá, com menos petróleo e mais comunidade, caminhando aos ritmos democráticos das autoestradas colapsadas.

Se botamos a mirada atrás, verá-se que muito se tem avançado na última década na construçom duns soberanismos sustentáveis: meios de comunicaçom comunitários –como este-, umha crescente rede de centros sociais, os primeiros passos num ensino autogerido, proliferaçom de cooperativas, etc. Dúzias de projetos à margem dos valores inumanos do Estados e o Capital. Mas como tem sinalado Miguel Garcia, no Novas da Galiza, “esta desconexom requer novas ligaçons, através de elementos concretos, a umha nova normalidade que gere segurança às suas e aos seus protagonistas, que compacte o que dê sentido à sua aposta”. De momento somos poucas, fraquinhas e isoladas, e o que é pior: cedemos à “política” o monopólio da produçom da imaginaçom coletiva. Compre encontrarmo-nos, crescer e densificar as relaçons neste tecido social autónomo: Nom num partido, senom num incremento generalizado de potência. E para isso este tipo de literatura é umha ferramenta imprescindível.

“Un día calquera na Galiza de dous mil e vinte e algo”, in: *Guía para o descenso enerxético*, Véspera de Nada, 2013, páginas 253-261.

QUE FAZER

16, 17 e 18.05.2014 / OBRADOIRO DE VÍDEOS CONTRA O CAPITAL / Polas tardes na sede da A.VV. A Xuntanza (Corredoira das Fráguas, 37). COMPOSTELA
Formaçom teórica e prática para a realizaçom de umha curta-metragem. Dinamizam Illa Bufarda. Inscriçom e informaçom em *revoltallo2014@gmail.com*.

17.05.2014 / CONCERTO DE NARF / 21:00 no Auditório do Multiusos da Junqueira. REDONDELA
No ciclo Rede de Música Soltas. Entrada a 4 euros.

18.05.2014 / ROTEIRO "AUGAS MESTAS" POLA RIBEIRA SACRA / 09:00 frente a Faculdade de Formaçom do Professorado (Avenida de Ramón Ferreiro). LUGO
Organiza Adega-Lugo.

18.05.2014 / FESTA DOS MAIOS / 11:00 na Praça das Muralhas. SALVATERRA DE MINHO
Criaçom do maio e sessom vermute. Impulsa SCD Condado.

18.05.2014 / IX XEIRA ROMÁNICA / 11:00 diante da igreja de Sam Vicente de Barrantes. TOMINHO
Organiza O Sorriso de Daniel, inclui roteiro polo románico do Baixo Minho e jantar em Tui. Inscriçom em *osorrisodedaniel@gmail.com*.

20.05.2014 / MERCADO ENTRE LUSCO E FUSCO / 17:00 no parque de Belvis. COMPOSTELA
Feira de produtos locais, biológicos e de comércio justo. Todas as terças-feiras.

20.05.2014 / PROJEÇOM DE *GHANDI* / 18:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Magdalena 202-204). FERROL
Ciclo 'A conquista dos direitos'.

21.05.2014 / CONCURSO DE CURTAS 'RevoltALLO 2014' / 20:00 na sede da A.VV. A Xuntanza (Corredoira das Fráguas, 37). COMPOSTELA
Projeçom e eleiçom polo público das curtas ganhadoras. Organizam Verdegaia, Amarante e a associaçom vicinal.

21.05.2014 / TEATRO RADIOFÓNICO: *CRÓNICAS REPUBLICANAS*, DE MIGUEL CASTRO / 20:00 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena 202-204). FERROL
Colabora Rádio Filispím.

21.05.2014 / PROJEÇOM DE *NOM PODEMOS VOLVER A CASA*, DE NICHOLAS RAY / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

21 a 24.05.2014 / XI FESTIVAL DE CANS / 10:00 no Baixo de Bugarín (Cans). PORRINHO
Festival de curtas-metragens que inclui um amplo programa de projeçons, música e festa: *http://www.festivaldecans.com*.

22.05.2014 / CURSO DE FOTOGRAFIA 'CÁMARAS AO MONTE!' / 18:00 no Parque de Belvis, 21. COMPOSTELA
Organiza Illa Bufarda. Inclui introduçom teórica e sessom prática; inscriçom em *info@illabufarda.com*.

23.05.2014 / FOLIADAS EM COUSO / 22:30 em Sequeiró (Couso). ESTRADA
Organiza a associaçom A Xesteira de Couso.

24.05.2014 / DIA DA DIVERSIDADE NATURAL E CULTURAL / 12:00 na Eira da Xoana (Ramil). AGOLADA
Roteiro polo Alto Ulha, jantar e Festival da Diversidade.

27.05.2014 / CELSO CONTA CONTOS NA GENTALHA / 17:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Contadas de Celso F. Sanmartín todas as últimas terças-feiras de mês.

30.05.2014 / CEIA SOLIDÁRIA / 21:30 no C.S. Mádia Leva (Rua Serra dos Ancares, 18). LUGO

31.05.2014 / APRESENTAÇOM DO XXI FESTIVAL DO RIO CASTRO / 17:30 no Local Social (Narahio). SAM SADURNINHO
Campionato de brilé, apresentaçom do programa do festival, concerto de Manuel Cociña e Roberto Grandal e repichoca.

31.05.2014 / CEIA CONCERTO COM DE OUTRA MARGEM / 22:00 na Casa da Cultura (Rua Rainha Dona Urraca). SALVATERRA DE MINHO
Organiza a SCD do Condado.

31.05 e 01.06.2014 / CURSO DE APICULTURA ECOLÓGICA / 10:00 no Centro Cultural de Paranhos. COVELO
Organiza Abella Lupa SAT; mais informaçom e inscriçom em *http://abellalupa.com*. Continua os dias 7 e 8 de junho.

31.05 e 01.06.2014 / 'I TANGARAÑO CULTURAL' / Toda a jornada em Sobradelo. JUNQUEIRA DE AMBIA
Encontro, feira e festa de diversas artes: há música, poesia, artes plásticas, obradoiros de diferentes disciplinas, animaçom infantil... Inclui zona de campismo.

04.06.2014 / OBRADOIRO DE REPARAÇOM DE BICICLETAS / 20:00 no C.S. Mádia Leva (Rua Serra dos Ancares, 18). LUGO
Todas as primeiras quartas-feiras de mês. Organiza a Massa Crítica de Lugo.

05 a 08.06.2014 / OBRADOIRO CRIATIVO 'UN FALSO DOCUMENTAL COMO UNHA CATEDRAL' / 16:00 no Museu do Povo Galego (Sam Domingos de Bonaval, s/n). COMPOSTELA
Organiza Illa Bufarda. Vai-se fazer um falso documentário em 24 horas. Inscriçom em *deac@museodopobo.com*.

06.06.2014 / MASsA CRÍTICA / 20:00 na Praça de Maria Pita. CORUNHA
Todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, evento ciclista de participaçom aberta.

06.06.2014 / BAILE ASSALTO / 21:00 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Amenizado polos mestres e convidados da Escola Livre da MPG. Às 19:00 vai haver curso introdutório ao baile.

07.06.2014 / XV ENCONTROS DE MÚSICA TRADICIONAL / Toda a jornada no Mosteiro de Carvoeiro. SILHEDA

13.06.2014 / "VENRESPIRIÑO" / 20:00 / VENRESPIRAR / 22:30 na Cafetaria Picaso (Jardim do Posio). OURENSE
Ciclo participativo de música e dança tradicional organizado polas associaçons Gomes Mouro e Algaravía. Celebraçom do 10º aniversário.

14.06.2014 / CONCERTO DE KEPA JUNKERA E XABIER DÍAZ / 21:00 no Auditório do Multiusos da Junqueira. REDONDELA
No ciclo Rede de Música Soltas. Entrada a 4 euros.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

17 DE MAIO

Manifestaçons nas ruas e festas nos centros sociais polo Dia das Letras Galegas

A plataforma Queremos Galego chama a participar nas "mobilizaçons expansivas" que convocam polo 17 de maio. Presididas polo lema "Defendamos o nosso idioma", Queremos Galego convoca até oito manifestaçons, às 12 do meio-dia, nas sete cidades e mais na vila de Foz.
Pola sua parte, os centros sociais preparam atividades culturais e festeiras para comemorarem as Letras. Mádia Leva organiza umha sessom vermute ao remate da manifestaçom de Lugo. Na véspera, junto com os demais centros sociais da cidade, chamam a participar num passa-ruas pola língua. Em Compostela, a Gentalha do Pichel prepara umha jornada de atividades que finaliza, entrada a noite, com umha ceia e os concertos de Ruxe-Ruxe e Bigote Mix. Antes, convocam umha "bicicletada pola língua" para assistir à manifestaçom de Queremos Galego, preparam um jantar com cantos de sobremesa, umha ruada, umha jornada da Liga de Futebol Gaélico, e muitas mais atividades.

EM CARNOTA

Romaria contra os incêndios

O sábado, 7 de junho, celebra-se a quarta ediçom de 'Enarborar o bosque', umha "romaria artístico-reivindicativa" que nesta ediçom se dedica a luitar "contra os lumes nos nossos montes".
O encontro vai ser na praia de Boca do Rio, em Carnota, ao pé do Monte Pindo, que, segundo a organizaçom, simbolizou o problema do lume no ano passado. Participam poetas, artistas plásticos, fotógrafos, músicos... E também há um jantar popular.
Está organizada por Factoría Delideas e o coletivo arTeu.

EXPOSIÇOM

Elas som eu, fotografia em Ponte Areias

A A.C. Festival das Brétemas organiza em Ponte Areias a exposiçom-intervençom fotográfica 'Elas som eu'. A mostra pode-se ver na antiga ferrajaria Marinho (Rua Esperança, 19 - Ponte Areias) até o 31 de maio, em horário de 18:00 a 21:00 (sábados também de 11:00 a 14:00). O cartaz anuncia "as artistas Pilar Abades, Sabela Iglesias, Silvia Mella e Xiana Quintás; e as curadoras Alba Marinha e Pablo Prado".

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

SUSO SANMARTIM, ORGANIZADOR DO DDOLER E COORDENADOR DO 'LIVRO SOBRE O DIA DA TOALHA'

"Desdramatizar e rir de nós próprios contribui para relaxar tensons"

RAUL RIOS / Cada 25 de maio, turistas e vizinhança da zona velha de Compostela podem ver um grupo mais ou menos numeroso de tolos e tolas com toalhas à cabeça. A maioria pensa que som fugidos de Conjo, mas cada vez mais pessoas já sabem que é o Dia do Orgulho Lusista e Reintegrata (DdOLeR) na Galiza e o Dia da Toalha em todo o mundo. A data institucionalizou-se como homenagem ao cómico inglês Douglas Adams após a sua morte, coincidindo com o Dia do Orgulho Friki em homenagem à estrea de Star Wars. Em *O guia do mochileiro das galáxias,* a obra de fiçom científica humorística de Adams, explica-se que a toalha é o instrumento mais útil para um viajante espacial, daí o símbolo do evento. Suso Sanmartim, o ideólogo do DdOLeR e coordenador do *Livro sobre o Dia da Toalha* (Através), explica que o primeiro relacionamento que temos os galegos com Portugal é indo mercar toalhas a Valença do Minho. Isso, e todo o frikismo implícito nesta festa, dérom em que o 25 de maio, Dia da Toalha e o Dia do Orgulho Friki, fosse a data ótima para celebrar o DdOLeR na Galiza.

Como se che ocorreu a ideia de celebrar o DdOLeR?

Dás por suposto que se me ocorreu a mim, e supoes bem. Foi o 25 de maio de 2006, lendo umha notícia de *La Voz de Galicia* na que falavam do Dia do Orgulho Friki e do Dia da Toalha, este em homenagem a Douglas Adams. A princípios de milénio, na Assembleia da Língua já falávamos de instaurar um DdOLeR, mas nom sabíamos em que data. Eu pensava no nascimento de Andrés do Barro mas nom sabíamos quando fora, só a sua morte, o 22 de dezembro. Nom era um dia mui lúdico. Mais tarde, VA-CA (Via Anti-Colonial Activa) declarou o dia de nascimento de Andrés do Barro como Dia do Orgulho Neofalante; pois Andrés era neofalante e se lhe notava nas suas letras. Eu pensava que o dia do nascimento de Andrés do Barro era adequado para o DdOLeR porque, como estava censurado cantar em galego, ele dizia que cantava em português, mas a data já estava colhida. Como explicava, em 2007, um ano depois de que me inteirara da existência do Dia da Toalha e polo tema de ir comprar toalhas a Portugal, celebramos o I DdOLeR coincidindo com o VII Dia Internacional da Toalha.

Explicades que é um dia para 'saír do armário'. Achas que os reintegracionistas tentam ocultar a sua orientaçom ortográfica de algumha maneira?

É umha paródia do Dia do Orgulho Lésbico, Gay, Bissexual e Trans (LGBT) porque há bastantes pontos em comum. Na fala nem sempre é mui evidente a orientaçom reintegracionista dumha pessoa, e muitas vezes no trabalho ou colaborando em certos meios tampouco podes realizar-te como reintegrata.

Tenho algum amigo reintegrata que nom gosta deste tipo de eventos porque di que assim os reintegracionistas parecem *"uns frikis"*...

Pois claro, essa foi umha das chaves, que fosse o Dia do Orgulho Friki. O ano 2006 foi o primeiro Dia do Orgulho Friki espanhol, por isso saiu na Voz. A VA-CA reivindicava o *frikismo* como umha via de emancipaçom e desconolizaçom mental.

Também era para desdramatizar um pouco todo isto, o feito de que apareça lusista e reintegrata no nome do mesmo evento... antes havia enfrentamentos bastante enconados entre essas duas capelas do reintegracionismo. Hoje em dia mais ou menos som sinónimos. Rir de nós próprios contribuiu para relaxar essa tensom.

Dá para um livro o Dia da Toalha?

Depois de sete anos temos umha quantidade de materiais importante: textos originais escritos para o evento, artigos do blogue, manifestos dos padrinhos e madrinhas com muita qualidade literária... Só isso já merece um livro. Há dous pregons inéditos, os *speaches* de Quico Cadaval e Carlos Valcárcel, que improvisaram no momento... Também tem fotografias e montagens. Ademais, este ano o 25 de maio cai em domingo, é Ano Santo Toalheiro. Publicar um livro é umha boa forma de assinalá-lo.

Como lembras as primeiras festas?

O evento foi bastante bem acolhido polo contorno ludo-reintegracionista. Senom nom seria celebrado, porque é um evento que exige envolvimento das pessoas e nem todo o mundo está psicotecnicamente preparado para sair à rua com a toalha no ombro ou na cabeça. Tampouco cresceu muito. Cumpre dizer que sempre o celebramos no próprio dia, ainda que calhe entre semana. Este ano parece que há umha certa atençom por parte dos meios e o padrinho é Séchu Sende, umha pessoa mui conhecida e querida, polo que esperamos que haja umha afluência notável de gente.

O Dia da Toalha é um evento internacional, como se celebra polo mundo adiante?

Na página *towelday.com* pedem a agenda de qualquer ato organizado nesse dia. Nós sempre estamos. Em geral, som açons individuais e virtuais, as pessoas partilham os seus retratos, *selfies* que se chamam agora, com as toalhas. Nunca ves grupos mui numerosos.

Poderia-se dizer que Galiza é o sítio onde mais êxito tem o Dia da Toalha de todo o mundo?

Efetivamente. Quando fago a apresentaçom da *performance* na rua sempre digo que é o maior encontro toalheiro da galáxia. Nunca vim umha foto com umha concentraçom tam grande.

Lara Rozados

CELAS

Na passada semana (quando escrevo estas linhas) tivo lugar o juízo contra Carlos Calvo Varela e Xurxo Rodríguez Olveira. Umha nova fase da trama orquestrada polo Estado contra qualquer ideia dissidente. Trata-se de um outro juízo ideológico mais, com a intençom de criminalizar pessoas e de que sirva como exemplarizante para qualquer pessoa que tentar difundir umha opiniom contrária ao sentido comum (entendido no sentido gramsciano) que tam bem se encarregam de espalhar. Também fôrom detidas umhas vinte pessoas por difundirem o que se considera "apologia do terrorismo" nas redes sociais no mês anterior. A estratégia parece ficar clara: nom permitir nengumha expressom de ideias alternativas à ordem das cousas estabelecida. Querem meter-nos a todas numhas celas quadriculadas (a algumhas pessoas, mesmo nas celas físicas) e que nom saiamos de aí.

Mas quanto mais fazem por nos meterem nessas celas, mais medra a nossa raiva. A de nom termos um emprego digno por muito que estudássemos, muita experiência que tenhamos, ou o muito que nos formássemos. A de nom termos umha vivenda digna tampouco. A de nom termos possibilidade de desenvolvermo-nos em condiçons apropriadas de existência. A de vermos migrantes a morrer nas aramagens que arrodeiam a Europa do capital. A de sabermos que o feminicídio está na ordem do dia neste Estado, e nom se faz nada por solucioná-lo, ainda mais, enquanto é perpetuada e mesmo louvada a brutalidade patriarcal. A de sentirmo-nos impotentes contra umha maquinária que funciona através do medo e da opressom.

Dizia também o Gramsci: "Instruam-se, porque necessitaremos toda a nossa inteligência. Comovam-se, porque necessitaremos todo o nosso entusiasmo. Organizem-se, porque necessitaremos toda a nossa força". E lembro agora também um verso do poema que Maria do Cebreiro dedicou a Ramiro Ledo no Pirata, artefacto de apoio ao Cineclube de Compostela quando foi julgado pola projeçom dum filme (sim, também os filmes som perigosos, como as palavras): "Fai algo com a tua raiva. Está-nos a medrar neve nas maos". Fagamos algo com a nossa raiva.